



L.  
G.



4980





△

4980



R



Ha em H. H. 9-1

# FABULAS ORIENTAES

△

DE

SAADI.

4.980

PASSADAS DA LINGUA FRANCEZA PARA  
A PORTUGUEZA; ILLUSTRADAS COM  
DIFFERENTES NOTAS;

E

ACCOMPANHADAS DE UMA BREVE NOTICIA ACER-  
CA DO AUTOR, E DOS SEUS ESCRITOS; E  
DE UM JUIZO RAPIDO SOBRE ESTE EM  
PARTICULAR.

POR

*Francisco Freire de Carvalho, Portuguez emigrado,  
outr'ora Professor de Historia e Antiquidades  
na Universidade de Coimbra, &c.*



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.

*"E Vós, ó Reis, abri agora o vosso coração á intelligencia?"  
"Intrui-vos os que julgaes a terra."*

*Psalmo II, 10. Traduç. de A. P. de Figueiredo.*

A SUA Magestade FIDELLISSIMA

A SENHORA

**D. MARIA II.**

RAINHA DE PORTUGAL E DOS ALGARVES,  
IDOLO DOS SENSATOS E HONRADOS POR-  
TUGUEZES, FIRME COLUMNA DAS  
SUAS CONSTITUCIONAES ESPE-  
RANÇAS,

O. D. C.

ESTE PEQUENO TRIBUTO DE SUA DEVOÇÃO,  
E FIDELIDADE.

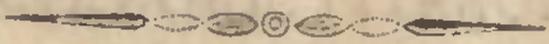
*Francisco Freire de Carvalho, Portuguez emigrado,  
outr'ora Professor de Historia e de Antiquidades  
na Universidade de Coimbra &c., com actual resi-  
dencia na Villa de S. João d'elRei em a Provincia  
de Minas Geraes.*



# BREVE NOTICIA

DE SAADI,

*E dos seus escritos; acompanhada de um juizo rapido sobre os que fazem objecto da presente Collecção.*



**S**Aadi ou Sadi, poeta, e filosofo Persa, nasceu em Behiras, Cidade das principaes da Persia, no anno de 1193, da E. C. Quando os Turcos começaram a assolar a sua patria, tomou o partido de abandonala, e viajou por fóra della por espaço de quarenta annos. Os Christãos do Occidente o fizeram prisioneiro na Terra Santa, e foi condemnado por elles a trabalhar nas fortificações de Trípoli, Cidade maritima da Syria. Foi resgatado depois por um mercador de Alep, que o casou com uma filha sua, dando-lhe em dote cem sequins (\*): esta esposa, que tinha um péssimo character, lhe deo muito que sofrer. Queixando-se elle um dia do seu máo genio, disse-lhe a mulher: “ Não és tu aquelle que meu pai comprou por dez moedas de oiro? „ “ Sim, (lhe respondeo Saadi) porém elle tornou a vender-me por cem sequins. „

Este Sabio tinha um amigo, que foi repentinamente elevado a um alto emprego; todos o hião complimentar, excepto Saadi: notando-lhe isto alguém, respondeo: “ Toda essa gente vai a casa do meu amigo em razão da sua dignidade; eu porém heide ir lá, quando elle deixar de a ter, e estou bem certo que então me heide achar sózinho. „

---

(\*) O Sequim de Constantinopla vale 1:114 rs. — O de Genova 1:900 rs. — O de Roma 1:760 rs. — (Giraldes, Compend. de Geograph.)

Citão-se de Saadi muitas e interessantes moralidades, e dellas, além das que vão espalhadas pela Collecção das quarenta e nove Fabelas, apontaremos aqui as duas seguintes. — Achava-se perigosamente enfermo o filho de um avarento: dizião-lhe os seus amigos que, para abrandar o Céu, era necessario ou dar esmolãs, ou ler algumas passagens do Corão junto ao leito de seu filho: o velho tomou este ultimo partido, o que fez dizer a Saadi: “Que o velho havia abraçado o segundo conselho, porque tinha o Corão nos beiços, e o seu oiro no coração.”

Um rico dizia por modo de motejo na presença do poeta Saadi, que — frequentes vezes se encontrão os homens de talento ás portas dos ricos, nunca porém os ricos ás portas dos homens de talento: — Ao que Saadi respondeo: “É porque o homem de talento conhece o valor das riquezas, e o rico ignora o valor da Sabedoria.”

Saadi foi autor de tres obras, das quaes a primeira, escrita em prosa e verso, tinha por titulo *Gulistan*, que traduzido da lingua Persa quer dizer um *Jardim de flores*: a segunda, toda escrita em verso, intitulava-se *Bostan*, isto é, *Jardim de fructos*: o titulo da terceira, tambem escrita sómente em verso, era *Molamâat*, palavra Arabe que quer dizer *faiscas, raios, amostras*. — Saadi, coforme o Diccionario Historico, morreo com 116 annos de idade.

Pelo que respeita ás quarenta e nove Fabelas, de que coosta a presente Collecção; apezar de que talvez não fosseo escritas por elle da mesma maneira, porque são aqui apreseatadas, com tudo é fora de duvida que estas Fabelas contêm os principios, e maximas, de que o Philosopho fazia profissão, e quaes se encontrão em uma Obra, escrita em Francez com o titulo — *Législation de la Perse, et Saadi*. — Como quer que seja, estes principios, e maximas deixão ver no seu Autor um grande fundo de sensibilidade, e do mais vivo interesse pela felicidade do Genero Humano: nelles se contêm nobres documentos de Moral, e de Politica, que se fossem praticados exactamente e de bôa fé no meio de um Pôvo, nada mais haveria mister para fazel-o veuturoso; e são ao mesmo tempo um rico thesoiro de sabios e importantissi-

mos dictames de discricção, e de juizo prudencial para cada um dos individuos em particular. — Pelo que na lição bem meditada destas Fabulas poderá encontrar o Principe altissimas maximas da arte de governar, o Ministro de Estado excellentes exemplos propostos a sua imitação, e todo o homem em geral doutrinas de moral pura, que postas por elle em pratica, augmentarão a sua sensibilidade, e melhorarão indubitavelmente o seu coração.

*O Traductor.*



## FABULAS ORIENTALES.

### P R E F A C I O

#### DE SAADI.

**L**ouvor a Deus Omnipotente, Pai de todos os sêres, Fonte da existencia, Creador e Motôr do Céu e das Espheras, economico e sabio Monarcha da Natureza, que fez cessar a desordem dos elementos, e que do seu combate fez nascer a ordem do Mundo. Grande Deus! Tu serenias as tempestades, que se levantão nos mares, e nos corações dos sêres intelligentes: Tu fazes sahir a felicidade do meio do choque das paixões oppostas. Cada globo cellete contribue para esclarecer os outros globos celletes: os ventos impellem as nuvens, e põem em agitação os mares: os imperios são uteis aos imperios, o homem aos outros animaes, os outros animaes ao homem. Tu mandas ao zéphiro que estenda tapêtes de esmeralda sobre os campos dos Osmanlinos, e dos discipulos de Ali (1): Tu cobriste suas plantas, e suas arvores de verdura: Tu preparas sobre a terra hum banquete magnifico, para o qual convidas os adoradores do fôgo, os idolatras, e os servos ficis (2). Que homem ousará oppôr-se á felicidade dos homens? Quando todos os sêres são uteis uns aos outros, que homem se atreverá a existir inutil para a sua patria, e para o Mundo?

Occupavão-me estas reflexões na pacifica obscuridade de uma profunda noite; eis que se me apresentou á imaginação o espectaculo da minha vida passada. Vi então com horror que havia consumido o tempo sem o ter empregado: começaram-me a correr as lagrimas, o meu endurecido coração se enternecêo; e as seguintes palavras, analógas à minha situação, sahirão do meu seio.

“ De instante a instante uma porção do meu principio de vida se extingue para sempre, e bem pouco é já o que me resta: ainda jazes em somnolencia, tendo já visto escoar-se cincoenta annos da tua duração! Ah! se tivesses luz, e sabedoria bastante para fazer bom uso dos poucos dias, que te estão reservados! O pejo tingio as faces do que partito sem ter concluido a obra, que lhe havia imposto a Natureza: a trombeta sôou, e elle nem sequer cuidava em preparar suas bagagens: um somno agradável detinha a este viajante longo tempo já depois do romper da aurora. Nasce um homem, começa um edificio, e morre: nasce outro, começa um edificio, e morre: Vão-se as raças succedendo; tudo se começa; e a nada se dá fim. Ditoso do que passou sobre a Terra dias uteis, a devida recompensa o aguarda na outra vida. Mandai adiante o que vos hade ser necessario para a viagem, na certeza de que ninguem haverá que vôi-o subministre: fazei-o partir com anticipação; mostrai vos depois homem, e parti. „

O Sol começava já a apparecer, e o somno ainda não tinha fechado minhas pálpebras. Um amigo, com quem eu n'outro tempo havia feito a viagem de Mécca (3) e na companhia do qual me tinha entregado ás delicias da vida, entrou, e veio achar-me nesta situação, mas não me pôde subtrahir ás minhas reflexões: fez-me muitas perguntas, a que não dei resposta: então elle enfadou-se, e me disse: “ Há expiações para os sacrilegios; mas nunca se expiãõ as offensas feitas à amizade: Que é a lingua na boca de um homem virtuoso? É a chave, que abre um thesoiro. „

Lancei os braços ao pescoço do meu amigo, falei-lhe; e sahimos ambos, afim de recrear-nos com o espectáculo da Natureza. Era o tempo do renascimento da primavera: a Terra achava-se adornada, bem como uma Bella em dia de festa; o rouxinol cantava pousado sobre os ramos das grandes arvores; as gotas do orvalho brilhavão, como diamantes sôbre a purpura das rozas, ou como lagrimas sobre as faces de uma joven bem educada, a quem se fizera uma leve afronta. O meu amigo conduzio-me a um dos seus jardins, no qual havia muitos e bellos prados;

e plantações de arvores cobertas de fructos e de flores: nestes bosques aumentava-se a sensibilidade da alma, a qual se deixava arrebatada em doces extasis: vião-se em outros logares brotar as flores d'entre a relva, como se fossem pedras preciosas estendidas sobre um tapête verde: corria um regato pelo meio do jardim, e suas agoas erão deliciosas como o nectar. O pomar estava cheio de aves, cujos gergeios communicavão á alma effeitos iguaes aos de uma harmoniosa musica, acompanhada de versos cheios de ternura.

Ao tempo que liamos a sahir destes logares de delicias, o meu amigo, observando que eu colhia e punha ao peito todas as castas de flores, me disse: " Tu não ignoras, que a vida dessas flores tem apenas a duração de um dia; para que é pois fazer provimento de thesoiros tão pouco perduraveis? Colhamos antes plantas uteis, que sirvão de sadio alimento na mesa a que admities os teus amigos. ,,

Foi desde este instante que me subtrahi aos prazeres, que haviamõ embriagado a minha mocidade dentro do recinto de Schiras. (4) Dei-me a passear pelo jardim dos sabios: com elles discorria ácerca dos designios da Natureza; ácerca dos deveres de todos os homens; ácerca dos seus communs interesses, das suas paixões, leis, erros funestos; sobre os perigos da ignorancia, sobre a felicidade; sobre as ideas da vida, sobre o pruzer que não murxa, sobre as bellezas da virtude: e as suas conversações esclarecêrão minha alma com a luz da verdade.

" Serás tu ambar? ,, (5); [dizia eu a um bocadinho de terra, que apanhei em um banho]; o teu perfume me arrebatava. ,, Elle me respondeo: — Eu não passo de ser uma vil terra, mas habitei algum tempo com a rosa. —

Fiz observações, antes de pensar; e pensei, antes de escrever: os meus amigos instárão comigo, a que publicasse as minhas reflexões. Censuravão, um dia os Sabios da India no grande Basurchumbur a demasiada demora, com que dava as suas respostas; ao que elle replicou: " O tempo, que emprêgo em meditar sãbre o que devo dizer, é descontado do tempo em que me arrependeria de haver falado. ,,

Publico em fim esta Obra, á qual quero ainda dedicar uma parte preciosa da minha vida; afim de que a minha memoria venha a ser honrada; e afim de não morrer sem ter sido util aos homens, e aos progressos da virtude.

---

## FABULA I.

### *O Homem Verdadairo.*

Condemnou um rei á morte a um dos seus escravos: este, que havia já perdido todas as esperanças, sem respeito a coisa alguma, desafogava a sua dor proferindo milhares de injurias contra o rei. — Que diz elle? — Perguntou o principe a um dos seus validos. — “ Senhor, elle diz, que as recompensas da outra vida são para os principes, que perdôão; e implora a vossa misericordia. „ — Pois bem, en lhe perdôo, — disse o rei. — Um cortezão, inimigo ha muito do valido, e que tinha escutado as palavras do escravo, disse ao monarcha: “ Olhai que vos enganão; este desgraçado o que tem proferido são atrozes injurias contra a vossa pessoa. „ — Então o rei respondeo: — A mentira, que aquelle me disse, é cheia de humanidade, e a tua verdade é cruel: — E depois, voltando-se para o valido, continuou: — Oh! meu amigo, de ti confio, que me dirás sempre a verdade. —

---

## FABULA II.

### *Mahmud.*

Um dos reis do Chorazan [6] vio em sonhos a Mahmud, que cem annos antes havia occupado o mesmo thrôno: vio o corpo deste principe consumir-se inteiramente, e ficar redazido a pó, não lhe restando senão os olhos, que de continuo se voltavão para o palacio, e para o thrôno. O rei perguntou aos seus adivinhos a significação d'aquelle sonho; e um del-

Ies lhe disse: “ Mahmud vê agora que vós estaes occupando os palacios e o throno, por elle outr’ora occupados; vê que lhe não resta já coisa alguma da sua grandeza, e que ninguem leva consigo deste Mundo senão o bem, que praticou: Oh! rei, praticai o bem, antes que no vosso palacio coberto de lacto: sôe uma voz lûgubre, proferindo estas palavras — Elle já não existe. „

---

### FABULA III.

#### *Maximas.*

O tigre esconde-se debaixo da folhagem tranquilla: receai na Côrte o silencio da inveja.

Perguntaes se a formiga, que está debaixo dos vossos pés, tem direito para queixar-se? Sim: ou vós não tendes, quando sôis esmagado pelo elefante. Conduzi o criminoso aos lugares, aonde se acha reunido maior numero de desgraçados, e certo que não haverá pessoa alguma tão infeliz como elle.

O fogo era adorado em Persépolis [7], e Persépolis foi consumida pelo fogo: imagem dos despotas, e dos seus vâldos.

Eis uma das maximas dos Sabios: — As facécias são as virtudes das Côrtes, mas na boca dos sabios ellas chegam quasi a ser vicios: applicai vos a praticar o bem, afim de que os vossos costumes sejam puros; e deixai as galantarias para os cortezãos.

---

### FABULA IV.

#### *O Sono do Mão.*

Durante o maior calor do dia, passeava eu com o meu amigo por debaixo da ramada de um copado arvoredó, formando como uma abóbada de verdura impenetravel aos raios do sol; um regato serpeava pelo meio deste arvoredó, e conservava a frescura a uma basia rêlva, que estava convidando ao repouso: vio

Vizir Karoun estirado sobre esta rêlva , e entregue aos braços do sôno : “ Grande Deus ! disse eu , a lembrança dos desgraçados , que este homem tem feito , será possível que o deixe dormir ! „ O meu amigo , que assim me ouviu fallar , me respondêo : — Deus concede algumas vezes o sôno aos máos , afim de que os bons tenham sequer instantes de tranquillidade. —

---

## FABULA V.

### *O Retiro.*

O ministro de um rei incorrêo na sua desgraça , e se retirou para um valle fertil , o qual se esmerou em mandar cultivar : como não tinha merecido o desfavor do principe , facilmente se consolou , e se dêo com gosto ao nôvo modo de vida , que havia abraçado. O rei , que prezava os seus talentos , sentio a perda que lhe causava , e se deliberou a ir procural-o ; afim de rogar-lhe que voltasse para a Côrte : o ministro porem recusou-se ao convite , e lhe disse : — “ Eu fui elevado por vós ás primeiras dignidades , nellas supportei com firmeza a agitação das grandezas : obrigastes-me depois ao retiro : tendo provado o sabôr ao repouso ; deixai-me gozar delle. O homem , que se retira do Mundo , arranca os dentes aos animaes devoradores , tira ao máo o uso do seu punhal , os venenos á calumnia , e as serpentes á inveja. „ — O rei insistio , e lhe replicou : — Mas eu carceia de um homem de alma illustrada , e de bom e recto coração ; e com taes qualidades não posso encontrar outro , que não sejas tu. — “ Vós o encontrareis , lhe respondeo o ministro , com tanto que o busqueis entre aquelles que vos não buscão. „

## FABULA VI.

*O Erro.*

Um cego era casado com uma mulher, a quem amava por extremo, apesar de lhe dizerem que ella era muito feia: um medico offereceo-se para lhe dar vista, o que o cego não quiz aceitar, dizendo: “ Eu perderia com isso o amor, que tenho a minha mulher; e este amor faz-me ditoso. „

As tropas de Cósroes (8) fôrão vencidas no dia de um eclipse do Sol: os Persas, adoradores do fogo, julgavão que este fenómeno presagiava grandes infortunios ao Imperio, e uma tal idea lhes fez perder o valor.

Póde a ignorancia, e o erro fazer a felicidade de um só homem; porem farão infalivelmente a desgraça de uma Nação.

## FABULA VII.

*O Sonho.*

Recolhia-me um dia para minha casa com o espirito occupado de dolorosas observações; e depois de haver satyrizado todos os estados, todas as condições da vida, e até a mim mesmo, caí n'um profundo sono, e sonhei. — Julguei-me transportado á minha solidão, e bem longe dos defeitos que me havião escandalizado: passeava alegre e tranquillo pelo meio da floresta, que defende a minha cabana dos ventos da Arabia; e me subtrahia debaixo da sua sombra ás loucuras dos homens.

O Sol tinha-se levantado havia pouco sobre o horizonte; seus raios doiravão a verdura, que me escondia a sua face, e davão transparencia á folhagem. Escutava os cantos de grande numero de aves, e prestava attenção a todas suas cadencias; observava-lhe as diversidades, e bem assim as de suas fórmãs, de seus vôos, e de suas plumagens: o rouxinol, o melro, o côrvo, a tutinêgra, o gáio, a cotovia, a águia

a rôla cantavão, assobiavão, grasnavão, gritavão, arrulavão, saltavão, adejavão, voavão, ou se equilibravão nos ares.

Repentinamente me dêo o Ceo a intelligencia de suas differentes linguagens: percebi que a águia fazia escarneo do môcho em razão da sua curta vista; que a rôla falava muito mal dos costumes do gavião, ao passo que este a tinha em menospreço por causa da sua fraqueza: que o mêlro fazia zombaria do grito da águia: que o gâio, e a pêga se injuriavão reciprocamente: que todas exprobravão ao côrvo o seu parecer melancolico: e que achavão no pardal maneiras vulgares.

Vi baizar do Ceo uma figura notavelmente extraordinaria: era um mancebo, cujo corpo tinha a candidêza da néve, e como se sôbre elle tivessem lançado folhas de rosa: tinha grandes azas azues, cujas extremidades erão doiradas; seus cabellos erão pretos como o ébano; os olhos da côr dos cabellos, e tão penetrantes suas vistas, que o hypócrito as não poderia supportar. Pousou sôbre um plátano, que sobrepujava os cédros da floresta: chamou por seus proprios nomes a todas as diversas especies de aves, as quaes vi abaixar-se em volta d'elle, e pousar-se sobre os ramos dos cédros: impoz-lhe silencio, e lhes disse:

“ Escutai o que vou revelar-vos da parte do Grande Ser: vós todas sôis iguaes em merecimento; sôis differentes em qualidades, por sereis destinadas para funcções diversas: a águia nasceo para a guerra; por isso o seu grito, expressão da força, não pôde ter harmonia: o môcho não surprehenderia nas trévas os inséctos, e os reptiz, de que deve expurgar a Terra, se acaso os seus olhos podessem supportar o clarão do Sol; para dar ao rousinol, e a tutinêgra sua voz doce e flexivel, foi necessario formar-lhe órgãos delicados: a rôla, nascida para o amor, occulta-se debaixo das sombras, aonde coiza nenhuma lhe interrompe o prazer de amor; alemi de que, darião algum aumento a este prazer o bico, e as garras do gavião? Permanecei taes quaes sôis, sem desprazer, e sem orgulho: cedei differentemente aos impulsos da

Natureza : e contemplai em vossas especies differenças, mas não defeitos. „

Ditas que forão estas palavras, vi que as aves se dispersárão pela floresta, e que o Genio começava a elevar-se nos ares, lançando sobre mim vistas cheias de expressão. Acordei, e disse então comigo : — E tornarei ainda a exigir em o Cadí [9] a prbanidade do cortezão, no Iman [10] a franqueza do guerreiro, no mercador o desinteresse do sabio, no sabio a actividade do ambicioso? Para me instruir foi que baixastes do Ceo, oh! Genio Celestial: tuas lições ficarão para sempre gravadas no meu coração, e os meus labios as repetirão aos homens.

Oh! meus irmãos, nós todos partimos juntos a viajar, uns para o Norte, outros para o Meio-dia; não carecemos portanto nem dos mesmos vestidos, nem do mesmo farnel: constituimos uma familia, cujo pai nos dêo bens de differente natureza: para que servem ao homem, que decóta as arvores do pomar, os instrumentos da lavoira?

---

## FABULA VIII.

### *O Crime.*

Viajavão em companhia tres habitantes de Balcks, [11] acharão um thesoiro, e o dividirão entre si: fôrão continuando sua jornada, e falando acerca do uso que farião da sua nova riqueza. Tendo se-lhes acabado os viveres, convierão em que um delles iria comprar-os á cidade, e que o mais môço se encarregaria desta commissão, o qual partio.

Logo que se vio sózinho, entrou a dizer consigo: “ Agora já estou rico; porem muito mais o poderia ser, se quando apparecêo o thesoiro, não fosse de companhia.... estes dois homens usurparão-me as minhas riquezas.... Não seria possível retomar-lhas?..... Facilima coisa: que mais seria necessario, do que envenenar lhes os viveres, que vou comprar: dizer-lhes na volta, que havia jantado na Cidade: meus companheiros comerião sem desconfiança, mor-

rião, e eu que só tenho a tersa parte do thesoiro, o ficaria possuindo todo. „

A este mesmo tempo os outros dois viajantes dizião um para o outro: — Que precisão tinhamos nós de que este môço se viesse associar connosco? Vi-mo-nos obrigados a repartir com elle o thesoiro, quando a sua porção teria augmentado as nossas, com o que ficaríamos verdadeiramente ricos..... Mas elle ha-de voltar, nós temos bons punhaes..... —

O mais moço voltou com effeito, mas com os vivêres envenenados: seus companheiros o assassinã-rão, comêrão depois, murrêrão, e o thesoiro tornou a ficar sem dono.

## FABULA IX.

### *A Avareza das differentes Idades.*

Encontrei-me um dia na estrada de plátanos, aberta ao longo do Euphrates junto de Bagdad, [12] com um mancebo, com quem havia contrahido conhecimento nas visinhanças de Alép [13]: vio-se tão altamente absorto em suas meditações, que me custou muito a despertar-lhe a attenção. Tinha o olhar triste, e espantado; e soltava do peito as seguintes exclamações: — Ah! para que era dar-me mostras de amizade, se elles ma não tinham! — Continuou ainda a fazer patente por mais alguns outros sinaes a sua cólera a indignação, e por fim me disse: — Lembrado estarás de ter visto o velho Benassar, o irmão de minha mãe, prevenir-me de que eu talvez poderia obtêr um emprego, que os seus amigos se offerecião a pedir para elle; assim como estarás lembrado de ver o joven Obide dar-me dinheiro para fazer a minha jornada. Saberás agora que, apenas aqui cheguei, vi o joven Obide solicitar para si o emprego, que eu vinha pedir: talvez me não seria difficil obtêl-o, se pudesse demorar-me mais tempo em Bagdad; porem acabou-se-me o diaheiro, e o velho Benassar não quer emprestar-me: Ah! para que era mostrar-me amizade, se elles ma não tinham! —

Eu lhe repliquei: “Elles não te enganarão; só

sim se prestarão menos em teu favor, do que tu presumias: Obíde é mōço, e o que te deo foi unicamente o seu dinheiro: Benassar é velho, e não fez mais do que sacrificar-te as suas esperanças. Na idade, em que Obíde se acha, o homem é avaro das suas esperanças; na de Benassar o homem é avaro do seu dinheiro: o velho reputa-se rico com o que possui, e o mōço com o que espera. ,,

---

## FABULA X.

### *O Bom Ministro.*

O poderoso Aaron Raschild (14) começava a entrar em suspeitas do que o seu Vizir Giafar não merecia a confiança, que lhe havia outorgado: As mulheres d' Aaron, os habitantes de Bagdad, os Cortezãos, os Derviches (15) censuravão o Vizir com acrimonia. Giafar era amado do Califa (16); por isso este o não quiz condemnar só pelos clamores da Cidade, e da Cōrte: deo-se a visitar o seu Imperio; vio por toda a parte a terra bem cultivada, as campinas rizônhas, as aldêas opulentas, honradas as artes uteis, e a mocidade entregue aos transportes da alegria: visitou as praças d'armas, e os portos de mar; vio grande numero de navios, que estavam a ameaçando as costas da Africa, e da Asia; vio soldados disciplinados, e contentes: estes mesmos soldados, os marinheiros, os moradores do campo exclamavão, — Oh! Deus, abençoai os fieis, prolongando os dias de Aaron Raschild, e do seu Vizir Giafar; elles mantêm no Imperio a paz, a justiça, e a abundancia: Grande Deus, Vós manifestaes o amor que tendes aos fieis, dando-lhe hum Califa como Aaron, e um Vizir como Giafar. —

O Califa, tocado destas exclamações, entra em uma Mesquita, prostra-se por terra, e exclamã: “ Grande Deus! eu Vos dou graças por me haveis concedido um Vizir, de quem os meus cortezãos dizem mal, e de quem os meus povos dizem bem. ,,

## FABULA XI.

*O Exemplo.*

Dizia ao seu Vizir um rei de Chorazán: “ Os povos da Bactriana [17] são governados por um príncipe fraco, e sem experiencia; não tem aliados, e poderei conquistá-los com facilidade: reune por tanto as minhas tropas, e marcha contra elles. — O Vizir lhe respondeo: — Eu obedecerei; mas com que direito quereis roubar a liberdade a povos, que não são vossos inimigos? — “ Esta conquista, lhe tornou o príncipe, aumentará o meu poder. Além de que será por ventura crime o patentear um rei o seu valor, alargando as raias do seu Imperio? — E acaso será coisa innocente, lhe replicou o Vizir, dar a vossos subditos, e ao Mundo o exemplo da injustiça. —

## FABULA XII.

*O Tormento dos Reis.*

Um rei fechou a carreira dos seus dias, sem deixar herdeiro; mas dispôz em testamento que a Corôa fosse devolvida ao primeiro, que depois da sua morte entrasse na Cidade. Apenas o rei expirou, apparecêo entrando pelas portas um pobre larrador, o qual foi immediatamente coroado. Teve de sustentar guerras civiz, e estrangeiras; teve de reanimar o commercio, de diminuir os tributos, de fazer florecer as artes, e de prover na subsistencia do seu pòvo. Dentro de pouco tempo adquirio a necessaria instrucção; porque tinha senso commum: tudo lhe sahio á medida dos seus desejos; porque queria o bem: porem vivia cheio de cuidados, e devorado de inquietações. Um morador da sua aldêa veio visitá-lo, e lhe disse: — Graças sejam dadas a Deos incomparavel, e omnipotente, que vos levantou a tão alto gráo de gloria, e de poder! — “ Oh! meu amigo, lhe respondeo o rei, em vez de dar por isso graças a Deus, péde lhe antes que me dê valor, e paciencia: com-

padece-te de mim, em vez de felicitar-me; no meu primeiro estado eu sofria apenas as minhas precisões, e hoje estou sofrendo as precisões de cada um dos meus subditos. „

### FABULA XIII.

#### *A Educação de um Principe.*

Cósroes tinha um ministro, cujo serviço o trazia satisfeito, e do qual suppunha que era amado. Este ministro um dia veio pedir-lhe a sua demissão: Cósroes lhe disse: “Porque motivo me queres deixar? eu tenho feito cahir sobre ti o orvalho da abundancia: os meus escravos não fazem distincção entre as tuas, e as minhas ordens: avisinhei-te ao meu coração; não te separees jamais delle. „ — Mitrane [assim se chamava o ministro] lhe respondeu: — Oh! rei, eu vos tenho servido com zelo, e vós me haveis so-b-jamente recompensado: porém a Natureza impoem-me hoje deveres sagrados; deixai-me ir cumpril-os. Tenho um filho, e só eu o posso ensinar a servir-vos para o futuro da mesma sorte que vos tenho servido. — “Consinto em dar-te a tua demissão, lhe tornou Cósroes, mas hade ser com a condição seguinte: Entre os homens de bem, que me tens feito conhecer, nenhum ha tão digno, como tu, de educar um joven principe: termina a tua carreira com o maior serviço, que um homem pode fazer aos seus similliantes; faze que elles te dêvão um bom monarcha: Eu conheço a corrupção da Côte, um joven principe não a deve respirar. Péga em meu filho, e vai instruil-o, juntamente com o teu, no centro do retiro, no seio da innocencia e da virtude. „

Mitrane partio com os dous meninos, e passados cinco, ou seis annos voltou com elles á presença de Cósroes, que ficou contentissimo por tornar a ver seu filho, mas ao qual todavia não achou igual em merecimentos ao filho do seu antigo ministro: Queixou-se disto a Mitrane, e este lhe dêo em resposta: — Oh! rei, meu filho fez melhor uso, que o vosso;

das lições, que a ambos elles dei: os meus desvê-  
los fôrão repartidos com igualdade por ambos; porem  
meu filho sabia que havia de vir a precisar dos ho-  
mens; sendo que nunca me foi possivel occultar ao  
vosso, que os homens havião de vir a carecer delle. —

---

## FABULA XIV.

### *O Espirito dos differentes Estados.*

O joven Chiroé, filho e herdeiro do indolente Ormuz, rei da Persia, pediu um dia licença a seu pai para ir viajar: não hia saeiar a sua sêde com a agoa do monte Ararat, nem consultar os Imans de Medina [18]; queria sim visitar as provincias do reino, que um dia havia de governar. Viajava sem fasto, e debaixo de um nome supposto, não levando com si mais do que dous escravos, e o sabio Nir-sukan.

Dirigio-se primeiramente aos militares, os quaes foi encontrar zelosos no serviço do indolente Ormuz, promptos para assolar a Persia, e para degolar os seus irmãos á primeira ordem do principe; porem exigindo incessantemente aumento de sôllo, e novos privilegios

Chiroé visitou os mollaks [19], os imans, e os derviches, e os encontrou persuadidos de que só elles devião governar o Imperio, e fazendo por persuadir isto mesmo: mas em quanto não era chegado esse tempo, linzongevão a Côrte, aconselhavão a oppressão; recusando todavia ao rei a mais diminuta porção de suas riquezas.

Passou depois a visitar os juizes, os cadiz, os ministros: vio que estes semeavão a discordia entre as familias, com o fim de multiplicar os pleitos; que vendião a justiça aos ricos, e que a recusavão ao pobre; que fazião sentir o pezo da sua anthoridade, tanto a seus amigos, como a seus inimigos.

Chiroé encontrou nos recebedores dos tributos verdadeiros tigres, os quaes hião chupando, como por

divertimento, o sangue dos povos. Vio os mercadores andarem solicitando privilegios, que fizessem recahir sobre os lavradores todos os encargos do Estado. Vio corporações de artifices, que solicitavão privilegios, com os quaes ficaria suffocada a industria.

“ Como assim ! disse o principe ao sabio Nirsukan, será possível que os homens de todos os estados não tenham outro espirito senão o do seu proprio estado ! Vejo-os a todos zelosos em promover as vantagens de suas corporações, e a nenhum delles solícito em promover o bem do Imperio ! Tenho visto soldados, imans, mercadores, juizes, artifices, e nem sequer tenho encontrado um Persa. „ — O vosso reinado os fará nascer, lhe respondeu Nirsukan : Trabalhai por ser sóbrio, económico, vigilante, justo, e severo : Lembrai-vos de que nascestes para vossos subditos, e que os vossos subditos não nascêrão para vós : Dai os empregos aos que amão o vosso povo : Castigai os grandes, que fizerem odiosa a vossa authoridade : recompensai aos que a fizerem bemquistada : Oh ! Chiroé, filho de Ormuz, amai a Persia ; e aquelles que hoje vedes não terem outro espirito senão o da sua corporação, em breve virão a ter amor da patria. —

## FABULA XV.

### *A Inscrição*

Cósroes mandou gravar esta inscrição sobre o seu diadema : — Muitos o tem possuido, muitos o virão a possuir : Oh ! posteridade, tu imprimirás os vestigios de teus passos sobre o pó da minha sepultura. —

Que vem a ser os thronos, a fortuna, e a victoria, as quaes pássão com a rapidez do relampago ?

A'rbítrios dos homens, obrai bem, se quereis viver contentes : obrai bem, se quereis que a vossa memoria seja honrada : obrai bem, se quereis que o Ceo vos abra as suas portas eternas.

## FABULA XVI.

*A Beneficencia.*

A' medida que o tempo tem feito passar por deante de meus olhos uma cadeia mais longa de successos; e desde que a côr dos meus cabellos é como a dos cienes, que andão brincando pelo jardim do rei dos reis, tenho-me afeito a pensar que o Soberano A'rbítrio dos nossos destinos, a quem o homem, e a virtude devem a sua existencia, nunca deixou sem prazer o coração do homem de bem; nem uma boa acção sem recompensa: Escutai, oh! filhos de Adão; escutai esta narração fiel.

Em um dos valles fertéis, que estão encerrados dentro da cadeia das montanhas da Arabia, habitava desde longo tempo um abastado pastor: tive conhecimento com elle, era contado entre os felizes, e vivia contente. Passeando um dia pelas margens de uma torrente, e por entre uma linha de palmeiras, cuja escura folhagem se elevava até aos pés dos verdes cedros, que coroavão o cume da montanha, ouviu uma voz, que de espaço a espaço atroava o valle com pungentes gritos, e cujos suffocados lamentos apenas se podião algumas vezes distinguir do estrepito da torrente.

O velho pastor dirigio-se a correr para o sitio, donde partia a voz, eis que vio junto de um rochedo a um rapaz meio estirado sobre a areia: tinha o vestido despedaçado: cahião-lhe os cabellos em desorden sobre o rosto, no qual os encantos da mocidade se achavão desbotados pela dor: apparecião-lhe ainda sobre as faces os vestigios das lagrimas: pendia-lhe a cabeça sobre o peito, e era semelhante á rosa descabida e inundada pela tempestade. Este espectáculo sensibilizou o abastado pastor, chegou se ao mancebo, e lhe disse: " Oh! filho da dor, vent a meus braços; deixa-me apertar em meu seio o homem, que geme; as suas penas fazem-me suspirar: "

O mancebo levantou a cabeça, mas sem proferir uma só palavra: esteve algum tempo olhando attentamente para o velho, mostrando se assombrado de

encontrar benevolencia, e compaixão: Todavia o aspecto do virtuoso pastor era só por si sufficiente para inspirar confiança; seus humidos olhos estavam cheios de afabilidade, e de fôgo; e delles transluzião aquellas penetrantes, e ternas vistas, que obrigão a romper o silencio aos desgraçados.

Então, erguendo-se do chão todo coberto de pó, se lançou entre os braços do pastor, soltando ao mesmo tempo um grito, que foi repetido pelos écos das montanhas: — Oh! meu pai, exclamou elle, oh! meu pai. — E como já dava mostras de que recobrára algum socego com as palavras, e caricias do velho, este entrou a fazer-lhe muitas perguntas, ás quaes o mancebo respondeo assim.

— Por de traz d'aquelles grandes cedros, que estaes vendo sobre a mais alta das montanhas, está situado o casal de Shel-Adar, pai de Fatmé: não longe d'alli eleva-se a cabana de meu pai: Fatmé é a mais bella das filhas da montanha. Propuz-me a ser o goardador dos rebanhos de seu pai, no que elle conveio: o pai de Fatmé é rico, e o meu é pobre. Eu amava Fatmé, ella tambem me amava: seu pai veio a conhecê-lo, nós lhe confesámos o nosso amor, e elle quer agora constranger-me a abandonar o paiz, onde sua filha habita. Lancei-me aos seus pés, e lhe disse: — Oh! pai de Fatmé, deixa-me ao menos morar no valle, onde tu habitas; consinto em não tornar a dar uma só fala a Fatmé; nem se quer tratarei de saber se ella continúa a ter-me amor, sim eu to prometo: da-me o prazer de guardar um dos teus rebanhos mais afastados; permite que eu continue a servir o pai de Fatmé. — Mas que! Shel-Adar tudo me recusou, tratou-me asperamente, e nem nada assim os meus pés tiverão força para fazer-me arredar da sua casa: Então elle ameaçou a Fatmé; e eis-me estaes vendo aqui longe do valle, onde ella habita. Fatmé é desgraçada, meu pai doente, eu perdi minha mãe, e tenho dois irmãos tão novos ainda, que apenas podem chegar com as mãos aos ramos mais baixos das palmeiras: elles, e meu pai recebem de mim a sua subsistencia, de mim que tudo recebia de Shel-Adar, e eu estou a morrer. —

Meu filho, lhe disse o velho, encaminhemo-

nos ambos ao valle de Shel-Adar: vem comigo, que eu te ajudarei a andar. „ O mancebo conveio na proposta, porem mal se podia arrastar. — Quando já lião chegando, virão Fatmé: ella estava pálida, e habatida: então o mancebo disse ao velho, — eis ali Fatmé: — O velho entrou em casa de Shel-Adar, e rompeo nestas palavras.

“ Uma pomba de Alép havia sido transportada para Damasco (20), aonde vivia em companhia de uma pomba do paiz: seu dño, receoso de que a pomba de Alép não levasse alguma vez consigo a sua companheira, as separou: cessarão desde então de comêr o grão, que elle por suas proprias mãos lhe dava, começarão a definhar, e morrerão. — Oh! Shel-Adar, não separez aquelles, que sómente vivem porque vivem juntos. Achias tu que é virtuoso este mancebo, que fizeste afastar de tua casa? „

Shel-Adar lhe respondeo: — Eu tómo o Profeta (21) por testemunha do que vou dizer: o mesmo que um lirio é entre os narcisos, é este mancebo entre os fieis; elle excede a todos os jovens pastores na piedade, na bondade, e na vigilancia; mas é pobre. -- “ Ah! lhe disse o velho, eu, e meus filhos temos rebanhos sem numero; eu sou senhor de todo o rico valle de Horófa, e posso enriquecer a este mancebo: á manhã veras á tua porta uma parte dos meus rebanhos, com tanto que queiras dar-lhe Fatmé. „ — Shel-Adar promettêo dar-lhe sua filha, e o velho se retirou.

Na manhã seguinte fez partir para o casal de Shel-Adar rebanhos de ovelhas mais brancas, do que o cume das altas montanhas na estação do inverno; e manadas de égoas mais bellas, e mais ligeiras, do que aquella em que montava o Profeta.

Passados alguns dias depois desta acção, pôz se a caminho o rico e virtuoso pastor para os grandes cedros, debaixo dos quaes e-tá situado o casal de Shel-Adar: Escutai, oh! filhos dos homens, escutai. — O virtuoso pastor lia a sahir do bosque para entrar n'um prado, pelo meio do qual corria um regato acompanhado em todo seu curso de figueiras; eis, que dêo com os olhos em Shel-Adar, o qual assenta, de á sombra das figueiras estava pegando na mão

de hum velho, cuja fisionomia respirava um caracter de prudencia, e de vivacidade: este velho lançava a miúdo sobre Shel-Adar vistas cheias de alegria: Shel-Adar tinha a mesma expressão nas suas. O bemfazejo pastor, tendo dado com os olhos nelles, deteve-se por um pouco, afim de poder gozar dos sentimentos de consolação, que desperta o doce e magestoso espectaculo da velhice contente: Os dous velhos estavam mostrando um ao outro grande numero de rapazes, entre os quaes se fazião mais notaveis dois meninos, que ora brincavão sobre a relva, ora vinhão fazer afagos aos velhos: ambos estavam bem vestidos: e mostravão ar de saude, vivacidade, e as graças da sua idade. — O virtuoso pastor ouviu, donde estava, expressões, pelas quaes veio no conhecimento de que os dous meninos erão irmãos do joven esposo de Fatmé; e que o velho, a quem Shel-Adar pegava na mão, era seu pai.

Em um lugar mais proximo ao virtuoso, e bemfazejo pastor, e junto á extremidade do bosque estavam assentados sobre a relva Fatmé, e o seu esposo: o mais do tempo jazião immoveis, olhando fixamente um para o outro, e sorrindo-se tão docemente que o ri onho ar de seus semblantes parecia filho de um prazer habitual: os dous jovens esposos interrompião a miúdo seu delicioso silencio com animadas, e modestas caricias; e bem davão a conhecer, que o que os continha era a presença de seus pais, e sobre tudo o respeito que tinham aos meninos. — Frequentes vezes olhavão todos uns para os outros, e cada um de persi parecia embriagado com a felicidade propria, e com a do objecto que lhe era mais caro: a alegria, que os animava, manifestava-se com igualdade sobre todos seus semblantes, assim como uma e a mesma seiva cobre de flores semelhantes todos os ramos de uma lorangeira.

O virtuoso e bemfazejo pastor, depois de estar olhando successivamente já para uns, já para outros, dirigio as suas vistas sobre o prado, aonde vio andar pastando os rebanhos que bavia generosamente doado: elles eclipsávão a belleza dos rebanhos de Shel-Adar, entre os quaes andavão confundidos: o bom pastor via estes rebanhos, e ouvia a cada um dos

seus guardadores estar celebrando em seus cantos a felicidade de seus amos, e a sua propria ventura.

Oh! filhos de Adão, eu não accrescentei, nem diminuí coisa alguma: fiz-vos uma narração fiel, conforme vos havia promettido.

---

## FABULA XVII.

### *Os Mollaks.*

Alguns Mollaks, que se haviam retirado para os desertos da Arabia, roubarão uma caravãna: os mercadores roubados pedião-lhe com as lagrimas nos olhos, que lhes deixassem ao menos com que podessem continuar sua jornada; porém os Mollaks fôrão inexoraveis. Andava entre estes o sabio Lócman [22], e um dos mercadores lhe disse: — Assim é que instrues a estes homens perversos? — “ Eu não os instruo, lhe respondeo Lócman; que uso farião elles da sabedoria? „ — Para que andas pois em companhia dos mãos? — “ Ando trabalhando, lhe tornou Lócman, por ver se descubro como é que elles se fizerão taes. „

---

## FABULA XVIII.

### *As Luzes.*

Perguntava um dia o Visir Mussafér ao grande Aaron Raschild, que vistas erão as suas estabelecendo Academias, fundando Escolas, e fazendo florescer as sciencias? — Acaso julgais vós, lhe dizia o Visir, que por esse meio sereis mais bem obedecido? — “ Sim, lhe respondeo o Califa; porque o meu povo julgará melhor da justiça das minhas leis. „ — Pagará elle assim mais exactamente os tributos? — “ Sim; porque verá que sómente d'elle exijo os necessarios. „ — Combaterão vossos soldados com maior zelo? — “ Sim; porque terão chefes mais illustrados. „

— Porém, continuou Mussafér, não quererão os vossos sabios intrrometer-se com o governo? Oh! Senhor dos Senhores, não terão elles a audacia de suppôr em vós faltas? — Aaron lhe respondeo: “ Melhor será o uso, que elles farão da sabedoria; pois me apontarão as faltas, que eu tiver commetido, e me ensinarão a não tornar a commetel as. „ — O Visir insistio dizendo: — Que! Luz do Mundo, consentireis que vossos sabios digão livremente quanto pensão? — “ Sem duvida, lhe respondeo com viveza o Califa; pois se me não fallassem livremente, nunca a sua instrucção poderia passar de imperfeita. „ — Mas não poderão alguns delles espalhar erros? “ — Sim; porém esses erros serão combatidos por outros sabios. „ — Senhor, acrescentou ainda o Visir, é justo que nada vos dissimule: desde que o vosso povo começou a adquirir instrucção, aquelles a quem honraes com as vossa graças, e com a vossa confiança, passarão a ser objecto da censura publica: eu mesmo, Senhor, eu mesmo..... — “ Bem entendendo: „ disse o Califa, e lhe voltou as costas. —

Quando o illustre Giafar, o mais sabio de todos os fleis, o amigo de Aaron-Raschild, foi elevado ao emprego de Visir, [\*] deo-se a proteger as sciencias; todos seus desejos fôrão que os povos adquirissem sufficiente instrucção; afim de que conhecessem todo o bem, que pretendia fazer-lhes.

## FABULA XIX.

### *O Convertido.*

Conduzio a Divina Misericordia a um homem vicioso para uma sociedade de sabios, cujos costumes erão santos e puros: as suas virtudes o tocárão; não tardou em os imitar, e em perder os seus antigos habitos, passando a ser justo, sòbrio, paciente, la-

---

[\*] Vid. Fabula X.

borioso, e benefico. Já ninguém podia negar as suas boas obras, mas attribuião-lhe motivos odiosos: Gabyavão-lhe as boas acções, sem todavia amarem a sua pessoa: Querião sempre ajuizar delle pelo que tinha sido, e não pelo que actualmente era. Esta injustiça causava-lhe a maior dor: derramava lagrimas sobre o seio de um velho sabio, mais justo, e mais humano, que os outros: “ Oh! meu filho, lhe disse o velho, tu vales mais, que a tua reputação; dá graças a Deus: venturoso o que pode dizer. — Meus inimigos, e rivaes censurão em mim vicios, que eu já não tenho: — “ Que te importa, sendo tu bom, que os homens te persigão, como se fosses máo? Não tens tu para tua consolação duas testemunhas esclarecidas de tuas acções, a saber, Deus, e a tua Consciencia? ”

---

## FABULA XX.

### *Os Cortezãos.*

Nurshivan o justo, andando um dia á caça, quiz comer do que havia caçado, mas faltava-lhe sal: mandou por elle á aldea mais visintra, prohibindo expressamente que lho trouxessem sem antes o houverem pago. — Que mal se seguia, lhe disse um dos cortezãos, se o rei não pagasse umas pedras de sal? — Nurshivan respondêo: “ Quando o rei cólhe uma maçãa no pomar de um dos seus subditos, vão lá no dia seguinte os cortezãos, e cortão-lhe as arvores. ”

---

## FABULA XXI.

### *A Exactidão.*

Um rei da Arabia dêo magnificas recompensas a um dos seus officiaes; não porque o official tivesse grandes talentos; não porque lhe houvesse feito gran-

des serviços ; mas porque cumpria os seus devêres com exactidão. — A exactidão dos officiaes do principe , é a mais certa demonstração de um Imperio bem governado.

---

FABULA XXII.

*O Déspota.*

Um rei virtuoso em um momento de cólera estava a ponto de mandar matar um innocente : — Oh! rei , lhe disse este , o meu supplicio cêdo acabará , porém o teu então é que vai começar. — O rei lhe perdôou.

---

FABULA XXIII.

*Aaron Raschild.*

O filho de Aaron Raschild veio fazer-lhe queixa um dia de certo homem , que havia calumniado sua mãe , e pedir-lhe vingança. — “ Ah ! meu filho , lhe respondeo Aaron Raschild , tu com isso vais fazer maior mal a tua mãe , do que ao calumniador ; pois vais dar occasião a que se pense , que ella te não ensinou a perdoar. ”

---

FABULA XXIV.

*Os dois Irmãos.*

Um homem pobre deixou por sua morte dois filhos. O mais velho marchou para a Côrte , aonde teve artes para agradar , e alcançou um emprego no palacio do principe : O mais môço cultivou um campo , que seu pai lhe havia deixado , e viveo do tra-

balho de suas mãos. Um dia o primogenito disse ao mais môço : — Porque não aprendes tu a ser corte-zão, e a agradar? Por este modo não te virias obrigado a trabalhar assim para viver — O mais môço lhe respondeo : “ Porque não aprendes tu a trabalhar, como eu, e não te verás na precisão de ser escravo? „

---

## FABULA XXV.

### *Os Sabios, e os Derviches.*

Tinha um homem abandonado a sociedade dos Derviches, e se havia retirado para a companhia dos Sabios; “ Que differença, lhe disse eu um dia, encontras tu entre um Sabio, e um Derviche? „ — Elle me respondeo : — Ambos atravessão a nado um grande rio em companhia de muitos de seus irmãos; o Derviche porém separa-se da multidão, afim de poder nadar mais commodamente, e chega sózinho á margem: pelo contrario o Sabio nada a par da comitiva, e offerece de vez em quando os braços a seus irmãos.

---

## FABULA XXVI.

### *A Tolerancia.*

Havia-se um mancebo embriagado : um Mollak lhe lançou publicamente em rosto, e com aspereza a sua falta. O mancebo lhe disse : — Melhór fôra que te não désses por achado da minha falta, ou pelo menos que a occultasses. — Oh ! tu, que aspiras á perfeição, aprende primeiro a ser tolerante, e depois a occultar a posse dessa virtude.

---

## FABULA XXVII.

*A Economia dos Reis.*

Nurshivan o justo, no tempo em que só era ainda príncipe de Chorazan, e subdito do rei dos reis, gostava de entregar-se aos prazeres, e vivia esplendidamente: dispendia com profusão as suas riquezas, não só distribuindo-as em volta de si, mas ainda espalhando-as ao longe. Os mais excellentes cantôres, os mais habéis instrumentistas concorrião a pedir-lhe que se dignasse ouvil-os, e ficarão ricos depois que Nurshivan os havia escutado. Apenas subiu ao throno concorrêrão elles de todas as partes da Terra: Nurshivan deleitava-se por extremo com os seus concêrtos, porein era muito mais parco nas recompensas, do que no tempo em que sómente era príncipe do Chorazan, e subdito do rei dos reis. Hum dos musicos ousou queixar-se a elle mesmo desta sua differença. Seja propicio o Ceo a Nurshivan! Eis o modo porque elle lhe respondeo: "No tempo antigo eu dava do meu dinheiro, e hoje dou o do meu povo."

## FABULA XXVIII.

*As Testemunhas.*

Um dos solitarios do monte Libano [23] tinha-se feito celebre por sua santidade: em todo aquelle paiz não se fallava n'outra coisa, senão nos seus milagres; dizia-se, que os Anjos estavam ás suas ordens, e que os elementos erão obedientes á sua voz. Atravessava um dia a Cidade de Damasco, para dirigir-se ao templo; uns lhe pedião a cura de um irmão, ou de um amigo; outros abundantes colheitas; aquelles os favores do príncipe: e elle já promettia, já concedia, já recusava, e hia andando sempre seu caminho, ora levantando os olhos ao Ceo, ora fallando ao povo.

Como não dava attenção ao logar, por onde caminhava, cahio no regato, que corre ao longo da rua visinha ao templo; mas foi com promptidão ti-

raão das agoas, não sem perigo de haver-se afogado

Alguns solitarios vierão correndo para elle, e um lhe disse: — Oh! meu pai, como é possível que cahisséis no fundo deste regato, quando vos temos visto caminhar por cima das agoas do mar da Syria, sem molhareis as plantas de vossos pés? — “ É verdade, respondeo o Santo, que tenho caminhado por cima das agoas do mar da Syria, sem molhar as plantas de meus pés: lá os Anjos me sustinão sobre a agua; porém aqui, como me vião sem perigo, me abandonarão. Seja Deus propicio a Mahomet seu Profeta! Momentos houve na sua vida, em que os Anjos se não achárão a seu lado: quando elle se embriagava de amor sobre o seio de Itasipha, quando saboreava as delicias de um beijo sobre a bôca de Snaba, [24] julgais acaso que obrigaria Deus a Gabriel, ou a Miguel a que fizessem companhia ao Profeta? acaso assim o julgais? — Gabriel, e Miguel achavão se comigo, quando eu caminhei por cima das agoas do mar da Syria, sem molhar as plantas de meus pés..... ” Os solitarios o interrompêrão exclamando: — Oh! Santo homem, nós vimos, sim nós vos temos visto caminhar sobre as agoas do mar da Syria, sem molhareis as plantas de vossos pés.

Trouxerão vestidos ao Profeta; e enquanto mudava de roupa, repetia o pôco por todas as ruas de Damasco: — Elle caminhou por cima das agoas do mar da Syria, sem molhar as plantas de seus pés.

---

## FABULA XXIX.

### *A Necessidade de Amar.*

Na sua mocidade cahira em graça o Visir Azamet ao Sultão Mahmoud, que o levou as primeiras dignidades do Imperio. Azamet, apenas começou a ser empregado, quiz reformar os abusos; porém os grandes, e os imans o malquistarão com o príncipe, e ainda com o povo. Quando o instante da sua desgraça foi chegado, ouviu elevar contra si o grito do

ódio universal : — Mordidas sejam as mãos de Azamet pelo escorpião de Cachan : oxalá o possa eu encontrar na passagem de Poul-Serro , e precipital-o no abismo. — Taes são as maldições dos Persas contra o desgraçado Visir.

Despojado dos seus bens , e sem amigos , retirou-se Azamet para os rochedos do Chorazan , aonde vivia sózinho em uma linda cabana por elle construída , cultivando um pequeno terreno á beira de um regato.

Dois annos são passados depois que vivia nesta solidão , quando o sabio Usbeck deparou com o lugar do seu retiro : Os virtuosos conselhos de Usbeck não havião contribuido pouco para a desgraça do Visir ; e este sabio , que se não tinha esquecido do seu amigo na desgraça , partiu para o Chorazan.

Usbeck encontrou-se com o ministro na distancia apenas de uma parasanga [25] da sua cabana : reconhecerão-se mutuamente , e se abraçarão : corrião as lagrimas ao sabio ; Azamet porem mostrava semblante risonho , serenidade na face , e alegria nos olhos.

“ Bemdito seja o Profeta , que dá forças ao desgraçado , [lhe disse Usbeck :] o que possuía uma bella casa nas planicies de Ghilem , vive hoje contente morando em uma cabana sobre os rochedos de Chorazan ! Oh ! Azamet , a tua virtude veio fazer-te companhia nestes desertos , ella te consola na perda das rosas de Herat , das turquezas de Nishapur , e das sêdas de Mezendran ; mas tem ella podido consolar-te da tua solidão ? Aquelles mesmos que não tem amigos , carecem de companhia : qual é a solidão , que não mereça o nome de tûmulo ? ”

Hião-se no em tanto avisinhando da cabana de Azamet , aonde este não tinha entrado desde a madrugada ; eis que ouvirão o rincho de um pôtro , que vinha aos pûlos sair-lhe ao encontro ; apenas chegou o Visir , fez-lhe seus afagos , e marchou deante d'elle saltando , e rinchando.

Usbeck vio depois correr de um prado visinho duas bellas novilhas , as quaes passando uma e mais vezes por deante de Azamet , parecião offerecer-lhe o seu leite , apresentar as fronteas ao seu jugo , e o fôrão depois acompanhando.

A poucos passos mais descêrão de um rochedo duas cabras, seguidas de seus cabritinhos, e manifestarão com suas cabriolas a alegria de tornar a ver seu dõno, ao qual forão seguindo saltado-lhe em tórno.

Immediatamente do mais interior de um pequeno vergél, povoado de novas arvores, sahrão quatro ou cinco carneiros, e estes balião, pulavão, e lambião as mãos de Azamet, o qual lhes offerecia com um sorriso nos lábios. Simultaneamente vierão quatro pombos pousar-lhe sobre a cabeça, e hombros.

Azamet hia a entrar no pequeno vergél, que rodeava a sua cabana; eis que um gallo, dando com os olhos nelle, soltou um canto de alegria: e ao passo que o gallo cantando, e muitas gallinhas cacarejando aumentavão o seu cortejo, um burro que passava pelo vergél, começou a ornear.

Mas estas demonstrações de alegria, e de amor de todos os animaes ainda assim mesmo erão inferiores ás de dous cachôrros brancos, que á porta estavam esperando Azamet: elles não viuhão sair-lhe ao encontro, parecendo querer significar-lhe que guardavão fielmente a morada, que lhes havia confiado: apenas porem entrou, lizerão-lhe as mais animadas caricias; rojavão em volta d'elle, lançavão se a seus pés, lambião-lhos, em seus olhos patenteava se a paixão, e a linguagem com que a exprimião era um murmurío fagueiro eterno: ao mais pequeno afago, que seu dõno lhes fazia, saltavão immediatamente, davão longas voltas em torno da cabana, correndo, e ladrando com toda a força; o excesso do prazer os trazia loucos, e voltavão depois anhelantes, e quasi suffocados a estender-se aos pés de Azamet.

Este espectáculo fazia sorrir Usbeck: então o Visir lhe disse: "Eis aqui me estás vendo, qual fui sempre desde a minha infancia; a saber, o amigo dos entes sensiveis. Pretendi fazer a felicidade dos homens, e elles opposerão-se aos meus designios: faço venturosos a estes animaes, e gózo do seu reconhecimento. Acabas por tanto de observar que, encerrado no meio dos rochedos de Chorazan, não deixo de ter companhia, e que a minha solidão não é

um tûmulo : Eu vivo ainda , oh ! meu querido Usbeck , sim ainda vivo , amo , e sou amado . „

## FABULA XXX.

### *O Momento Presente.*

Ao tempo que eu hia passando por um valle retirado , topei me com um mancebo , do qual se apartava uma linda mûça ; ella dava mostras de perturbação , e hia fugindo apressadamente : fui-me aproximando ao mancebo , e ouvi que dizia : — Vejo me na flor da minha idade , promete-me o jardim do amor os mais saborosos fructos ; sou rico , e posso comprar as mais bellas raparigas da Circassia : [26] eu porei daria de mão a todas ellas , aos mais saborosos fructos do jardim do amor , a minhas riquezas , á minha propria mocidade , se pudesse possuir por uma só noite todos os encantos de Danissa , que acaba de fugir d'entre meus braços , e que me recusou um beijo — Lastimei-me da loucura deste mancebo , e fui continuando o meu caminho.

Passeando um dia pelos jardins do rei de Damasco , ouvi muito perto de mim um homem , que estava exalando profundos suspiros : apenas um tapêgo de verdura nos separava um do outro , de maneira que eu podia vê-lo : as mãos dos melhores artifices de Damasco haviam tecido seus vestidos com as mais bellas sêdas da Syria : era tão triste o seu rosto , quão ricas erão as suas roupas : cahião-lhe sobre os olhos as encrespadas sobrancelhas : tinha o olhar sombrio , e todos os músculos de sua face estavam em movimento , e contracção : rompia nas seguintes vozes : — De que me serve ser bem tratado do rei ? possuir bellas casas , bellas mulheres ? Poderei eu gozar de minhas riquezas , e da minha privança , enquanto Ali-Nasrou for o depositario da autoridade ? Para mim são as caricias do principe , mas a sua confiança é para Ali-Nasrou : Sou honrado , e elle é poderoso. Ah ! para gozar do seu poder por espaço de uma só Lua , [27] dêra eu de boa mente as minhas

riquezas, o meu valimento, e até consentiria em sair da Córte sem mulheres, e sem riquezas por todo o resto da minha vida: seria venturoso em fim, se pudesse occupar por algum tempo o emprego de Ali-Nasrou. —

Parti de Damasco em direitura á Persia; cheguei a um rio, cuja ponte acabava de ser quebrada, e junto das suas margens encontrei-me com um homem: começavão as rugas a engelhar-lhe as faces, e já o tempo havia branqueado a sua barba: vi que andava correndo pela margem, que se rolava pela arêa, e que tornando a levantar-se dizia: — Que desgraça a minha em não poder atravessar este rio, e ir á Cidade! propunha-me a fazer lá uma compra, que duplicaria as minhas riquezas: De que me servem pois os meus thesoiros, uma vez que não posso aumental-os? De boa vontade eu daria de mão á minhas mulheres, a meus filhos, á propria Cidade onde nasci, á maior parte dos dias que ainda tenho para viver, se pudesse atravessar este maldito rio. — Deixei este homem, e fui continuando o meu caminho para a Persia.

Atravessando os desertos da Mesopotamia, encontrei um viajante, ao qual havia já dois dias que se tinha acabado o seu provimento de agoa: elle estava dizendo: — Eu daria todos os meus bens, todos os meus prazeres, e uma grande parte da minha vida por um só prazer: queria achar-me junto ás margens de um grande rio, e entrar logo nelle: quando visse que a agoa me tocava já nas pernas, entraria ainda mais para dentro, e sentiria todos os meus membros abraçados por ella: deixaria sómente a cabeça fóra da agoa; porem assim mesmo eu a mergulharia muitas vezes, não só para me saciar a longos tragos, para fartar-me do prazer de beber; mas para que não houvesse uma só parte do meu corpo, que não ficasse penetrada pelo fluido. — Fiz dar agoa a este pobre homem, e continuei o meu caminho.

Tornei então a passar pela memoria o que acabava de ouvir, e o que tinha dito o mancebo desesperado por causa dos rigores de Darissa, o velho que não podia atravessar o rio, e o cortezão de Da-

masco: e continuei a caminhar absorto em meus pensamentos, dizendo comigo mesmo:

“Será possível que eu prefira o pequeno valle de Abila ás ricas planices de Sanaar? um pécego deste valle será capaz de tentar-me ao ponto de fazer que eu chegue mui tarde á praça de Bagdad, e de obrigar-me a sacrificar-lhe os mais bellos fructos da Asia? Esquecer-me-hei pois á borda de um lago do magnifico espectáculo dos vastos mares? Que! um desejo, que actualmente estou sentindo, poderá apagar a impressão de todo e qualquer outro desejo: e anniquilar para mim todas as partes do tempo, excepto sómente a do momento em que existo? — Oh! fraco mortal, será possível que sacrifiques os prazeres de uma Estação aos de uma só Lua, os de uma Lua aos de um só dia, e a vida a um instante? — Que grande é o poder, que os objectos recebem da sua proximidade! ella nos faz contar por coisa nenhuma, quanto se acha afastado de nós em tempo, e logar: quanto obra presentemente sobre meus sentidos, e sobre o meu coração, faz desaparecer para mim o futuro, e os fantasmas agradaveis, ou terribes do receio, e da esperanza.”

Affligião-me estas reflexões: “Ah! [dizia eu] quantas vezes se não vê o homem fortemente tentado a perder a sua felicidade! — Trabalhava por me confortar, trazendo á idea o grande poder da razão, e os soccôrros que della podia esperar: “A razão é um amigo, [continuava eu] que me mostrará o precipicio, em que poderia cair ao descer da montanha; elle me gritará, que me desvie.... porem a descida é rápida, e se eu escorregar, e fôr de rôjo ao precipicio! — A razão nenhuma outra coisa é em mim, senão uma cadeia de sentimentos, que a experiencia me tem dado, e que me são conservados pela memoria: o tempo os enfraquece; e que podem elles contra o sentimento, que um objecto presente me inspira no momento presente? A voz da razão é a voz de um amigo, que me chama de longe, e a qual me que custa ouvir. — Oh! Saadi, dá forças á tua razão: recorda-te frequentes vezes dos factos, sobre que se estribão as maximas dos sabios: Faze por adquirir imagens vivas da felicidade, que deve ser a re-

compensa do sabio ; e por este modo interessarís o teu coração em ser virtuoso. Não sephres da tua memoria o preceito do exemplo : faze que a virtude ande sempre presente a teus olhos ; que ella te pareça tão bella , que te seja impossivel não a amar : dá-lhe um corpo ; apóssa-te della por meio dos teus sentidos. — Oh ! meus amigos , se ainda , apesar deste soccôrro , vós me virêis vacilar no caminho da vida , sustentai-me : se eu cair , não façaes escarneo da minha queda : se eu quizer tornar á levantar-me estendei , a mão ao companheiro da vossa viagem. „

---

### FABULA XXXI.

*Alexandre.*

Perguntárão um dia a Alexandre , como é que tinha podido fazer-se amar dos povos , que havia conquistado : ao que elle respondeo : — Eu nunca opprimí os vencidos , e respeitei sempre as opiniões dominantes. —

Oh ! reis , imponde embora obrigações a vossos subditos ; exigi delles uma parte de suas riquezas ; nunca porem os vexeis por suas opiniões. Os conquistadores podem dispôr dos bens , e dos empregos das Nações vencidas ; mas a sua autoridade nunca póde abranger os pensamentos.

---

### FABULA XXXII.

*O Tyrano.*

Um rei da Persia havia estendido a mão da iniquidade sobre seu povo ; dava-lhe mostras de desprezo , e o opprimia com uma cruel escravidão. A maior parte dos Cidadãos , impacientes de um jugo indecoroso , e pezado , abandonárão a sua patria , e fôrão buscar azilo entre as Nações estrangeiras. Diminuido o numero dos subditos , diminuirão tambem.

as rendas do príncipe : seus visinhos aproveitarão-se da sua fraqueza ; os seus Estados forão atacados, e o seu exercito descontente o defendêo com tibieza : veio por fim a perder o thrôno.

Um rei deve alimentar o seu pòvo com a sua propria substancia ; porque das mãos do seu povo foi que elle obteve o reino. Todo o Cidadão é Soldado no Governo de um Rei Justo.

---

### FABULA XXXIII.

#### *O Joven Rei.*

Um rei na sua exaltação ao throno tinha encontrado thesoiros immensos nos cofres de seu pai : a mão da magnificencia se dilatou, e as riquezas do príncipe fôrão derramadas sobre o seu pòvo. Um Vizir censurou isto ao rei dizendo-lhe : — Se o inimigo apparecesse junto de vossas fronteiras, que meios terieis para resistir-lhe, depois de haver distribuído todo o dinheiro por vossos subditos ? — “ Em tal caso [lhe replicou o rei] tornal-o-hia a pedir aos meus amigos. ”

---

### FABULA XXXIV.

#### *Hoschas-Joseph.*

Era respeitado em Bagdad um religioso por sua verdadeira virtude, o pòvo e os grandes tinham confiança em suas orações. Hoschas-Joseph, tyrano de Bagdad, veio ter-se com elle, e lhe disse : “ Roga a Deus por mim. ” — Oh ! Deus, [disse o religioso, levantando as mãos para o Ceo] tira da Terra a Hoschas-Joseph. — “ Desgraçado, tu me amaldiçoas ! ” [lhe disse o tyrano.] — Eu peço ao Ceo [respondeo o religioso] a maior mercê, que elle pode conceder a ti, e ao teu pòvo.

## FABULA XXXV.

*A Filósofia.*

A amizade, que havia entre mim e Abunecker, era tão forte e ardente, como aquella que deve a sua origem á mocidade, e á pobreza. O Anjo, que vigia sobre os bons, conduzio o meu amigo pela mão: Abucker illudio o olho do mio, e chegou a agradecer ao Soberano Senhor dos Senhores, [28] que o encheo de mercês; porém elle não se reputou rico, senão no dia em que eu deixei de ser pobre.

Logo que tivemos uma fortuna estavel, o meu amigo foi fazer assento na provincia da Cachemira, [29] e eu nos campos de Schiras. Na primeira occasião que tive desoccupada fui visitar Abunecker, abraçei-o, ouvi suas palavras, elle ouviu as minhas, e julguei-me tornado aos dias da minha mocidade.

A casa de Abunecker estava situada sobre a encosta de uma colina, a qual ficava sobranceira a um dos mais ricos paizes da opulenta Cachemira, que é o paraizo da Asia. Este paiz, defendido pelas montanhas do Imauz [30] de todos os ventos frios e maleficos, apresenta o seu seio aos raios do Meiodia: dois grandes rios fazem por elle longos circnitos, e formão illhas sem conto; e é cortado por mil regatos, cujas margens são assombradas por arvores de toda a especie.

Abunecker possuía um terreno extenso, o qual cultivava com esmero, e que lhe produzia immensas riquezas: andava incessantemente de uma de suas herdades para outra; afim de presidir ás differentes culturas, e afim de determinar nellas o tempo assim destas, como das colheitas. Suas mulheres [ellas erão duas, e se amavão mutuamente] suas mulheres tinhão o seu cuidado a casa, e os jardins.

Logo ao romper da aurora o Iman chamava todos os criados de Abunecker para a oração: depois de haverem levantado suas mãos para o Eterno, marchavão para o trabalho, o qual suspendião por alguns momentos durante a maior força do calor; e tornavão depois a elle, para o continuar até ao fim do dia.

Eu acompanhava as mais das vezes a Abunecker, e visitava os seus campos extasiado; viam-se cobertos de homens applicados ao trabalho, os quaes abençoavam os favores do Ceo, e o meu amigo. Havia já tres Luas que eu me achava em sua casa, e não tinha ainda observado em nenhum dos seus domesticos nem descontentamento, nem frouxidão, nem preguiça: eu dava mil graças ao Ceo; e lagrimas de alegria corrião dos meus olhos, quando pensava na doce situação do amigo do meu coração.

Tinha Abunecker em sua casa um homem, que muito amava, e a quem suas mulheres, e seus criados, á excepção do Iman, tratavão com respeito: eu não lhe descobria emprego algum nesta casa tão bem arranjada; elle nunca assistia á oração da primeira hora; parecia muitas vezes occupado, muitas outras o via tambem nos jardins colhendo flores com as mulheres de Abunecker, ou fallando com os operarios, os quaes distrahiã algumas vezes do seu trabalho: quando passeava sôzinho, lançava vistas satisfeitas sobre a Natureza; parecia acreditar que os campos se aformoseavão com o prazer dos seus olhos, e que o zéphi-ro se levantava para o refrescar, e para trazer-lhe o perfume das flores. Causava-me indignação vê-lo ocioso no meio de uma familia activa e laboriosa.

Dei parte ao meu amigo destes meus pensamentos: — De que vos serve aqui Zuleiman? elle está ainda na idade das forças, e nenhum uso faz dellas: Qual será a razão porque o homem ocioso é bem tratado na casa do trabalho? Como é possível, que, juntamente comigo, tenha elle merecido entrar no coração de Abunecker?

O meu amigo me respondo: “ Oh! Saadi, respeitai o sabio Zuleiman; as suas mãos, é verdade, não cultivão a terra, mas a sua razão esclarece os homens: eu antes da sua chegada, não conhecia nem os limites da firmeza, nem os da tolerancia; não existia a paz na minha familia, nem no meu coração: Causava-me um grande prazer o fazer-me obedecer: havia deixado a Persia, onde o espirito da tyrania me tinha enchido de indignação, e vim ser aqui um tyrano. Moderei a minha autoridade, logo que Zuleiman me instruiu na sciencia dos sabios: até esse

tempo eu tinha tido criados; e desde o dia em que comecei a ser justo, achei-me rodeado de irmãos: elles passarão a ser-me caros, logo que entrárão a ter motivos para me ser gratos; e eu senti que o prazer de amar lha dilatando o meu coração. — Minhas mulheres não se occupavão em outra coisa senão em disputar-se uma á outra o meu coração, e em odiar-se: graça a Zuleiman, ellas entrárão no conhecimento dos seus deveres; e cessando de se desgostar, cessarão de áborecer: A trigueira Niaré é altiva e caprixosa; porém as conversações com Zuleiman nunca deixarão de produzir nella mais doçura de caracter, mais abundancia de razão, e de sensível condescendencia. A loira Félma é tímida, tem a alma fraca, é sujeita a sonhos que a assustão; porém Zuleiman a tranquiliza. — Apesar de toda a amizade, com que eu, e minhas mulheres tratâmos nossos criados, sempre lha momentos na vida, em que o seu estado lhes causa humilhação; mas Zuleiman lhes ensina, que se tenham por ditosos em possuirem as virtudes do seu estado: Se lhes succede algum bem, elle vai tomar parte na sua alegria, e lhes faz lembrar algumas circumstancias, que podem aumentar-lha, e a que talvez não darião attenção. Se lhes sobrevêm alguns incommodos, elle os consola, apresentando-lhes deante o quadro de suas virtudes, e abrindo sua alma á esperanza. — Eu tinha um Iman impertinente, que contrariava Zuleiman em tudo; e pois mais vale perder um Iman do que um amigo, despedi o Iman: agora tenho um, que é mais tratavel, e que se tem deixado persuadir por Zuleiman, de que os meus domesticos podião ser agradaveis a Deus, vivendo como irmãos, e servindo-me bem: nós não lhe damos licença para falar na virtude dos talismans, dos amuletos, e das passagens do Corão: [3] só lhe consentimos que prégue quanto quizer sobre lavatorios [32] a nossas mulheres. — Zuleiman conhece o Ceo, a Terra, as causas dos phenomenos; e nos prezerva de milhares de erros: Elle conhece os animaes; sabe que plantas, que grãos, queervas, que extrumes convêm aos differentes terrenos. Elle tem aperfeicoado a nossa agricultura, e os instrumentos de que se servem os nossos operarios. Ensina-nos a fazer trocas vanta-

nosas dos nossos generos: faz-nos sentir todos os dias, quanto o homem, que trabalha, e o que governa, carece do homem que pensa. Nós lhe devemos uma parte de nossas riquezas; e até lhe devemos a arte de saber gozar dellas: a Zuleiman em fim devemos o viver contentes uns com os outros, com a Natureza, e com nósco. ,,

---

### FABULA XXXVI.

#### *O Plátano.*

O sabio Zirvan, depois de haver ganhado a confiança do grande Dachelim, rei das Indias, e a estima do povo, foi perseguido pelo Visir Sourac. Zirvan, vio-se despojado dos seus bens, e dos seus empregos: sua espôsa, metade de si mesmo, morreu de pena: um filho virtuoso teria consolado o sabio, mas este filho jazia em ferros. Zirvan, com os olhos inundados de lagrimas, encaminhava-se todos os dias ao jardim do grande Dachelim, rei das Indias: parava junto de um plátano, ao qual contava sua innocencia, e as suas desgraças.

Um mancebo da Côrte, que o vio, e ouviu, lhe disse um dia: — Que! tu queixas-te a esse plátano? Ah! acaso o julgas sensivel? — “ Tanto como os homens, [lhe tornou Zirvan] se alem disso não me interrompe. ,,

---

### FABULA XXXVII.

#### *O Pobre.*

Um joven rei entregava-se á dissolução, e a todos os prazeres, que lhe erão preparados por esses infames cortezaos, que fundão suas esperanças sobre as fraquezas dos seus senhores. Em um dia de festim pôz-se o monarcha a cantar as segnintes palavras: —

Eu tenho gozado dos momentos passados, gozo dos momentos que vão passando, e vejo o futuro sem causar-me inquietação. — Um pobre, que se achava assentado debaixo das janellas da sala do festim, ouvindo o rei, lhe gritou: “ Se tu vives sem inquietação pela tua sorte, é possível que a não tenhas pela sorte dos outros? ” — Estas palavras fizeram impressão no rei, o qual chegando á janella, esteve por algum tempo olhando attentamente para o pobre, sem lhe dizer palavra; mandou depois dar-lhe uma boa somma de dinheiro, e sahio da sala do festim. Fez reflexões sobre a sua vida passada, e achando que tinha sido opposta a todos seus deveres, teve pejo de si mesmo, e tomou nas mãos as redias do governo, que até esse tempo havia largado aos seus validos: applicou-se a trabalhar com assiduidade; e dentro de pouco tempo restabeleceo a ordem, e a felicidade no Imperio. — Frequentes vezes lhe fizeram queixas dos desmauchos, e da devassidão em que vivia o pobre, que elle havia enriquecido: até que finalmente o vio um dia á porta do palacio, coberto de farrapos, tendo ali voltado novamente com o fim de pedir-lhe esmola. — O rei, mostrando-o a um dos Sabios da Côrte, (pois amava os Sabios, desde o tempo em que tinha adquirido sentimentos de bondade) lhe disse: — Lembrado estarás de que eu enchi aquelle homem de riquezas: olha qual foi o fructo dos meus beneficios; corrompêrão o pobre, e foram para elle origem de novos vicios, e de nova miseria. — “ Isso é verdade; (lhe respondeo o Sabio) mas foi porque vós destes á pobreza, o que só devieis dar ao trabalho. ”

---

## FABULA XXXVIII.

### *A Innocencia.*

O môço Hirman perseguido injustamente pelo tyrano de Edessa, [33] e condemnado por barbaros juizes ás mais crueis torturas, soffri-as sem deixar ouvir um só gemido: seu rosto corava, e descorava,

sem despir a serenidade: seus olhos hião perdendo o brilho, sem haverem exprimido cólera, e sem terem derramado lagrimas. Um instante antes de expirar dirigio vistas tranquillias sobre os seus juizes, e voltando-as depois para o Ceo, exclamou: “ Grande Deus, eu vos dou graças; pois tendo dores, não tenho remorsos. ”

---

### FABULA XXXIX.

#### *O Zelo.*

Lembro-me de que tendo na minha mocidade vivido algum tempo na companhia dos Mollaks, havia contrahido o seu character. Voltei para casa de meu pai, homem sabio, e virtuoso: uma noite, estando deitado no seu quarto em meio da minha familia, que dormia a sôno solto, eu velava, lia no Corão, e recitava em alta voz algumas de suas passagens: a minha leitura fez acordar meu pai, o que sendo advertido por mim, lle disse: — Não vedes vossos filhos como jazem mergulhados no sôno, sem se lembrarem de Deus? — Então elle me respondeo: “ Meu filho, melhor fôra que dormisses, do que velares para estar notando as faltas de teus irmãos. ”

---

### FABULA XL.

#### *A Vizão.*

Aaron-Raschild em um dos seus sônlios foi transportado aos Infernos: as primeiras pessoas, que alio viu, fôrão um Derviche, e um rei: “ Porque estás tu aqui? ” (disse elle ao Derviche) — Por haver tido a ambição de um rei. — “ E tu? ” (disse elle ao rei). — Por haver tido a religião de um Derviche.

---

## FABULA XLI.

*A Fortuna.*

Um dos meus amigos veio um dia lamentar-se-me da sua triste situação, dizendo: — Tenho uma numerosa família, careço de meios para a sua subsistência, e já não posso supportar por mais tempo o peso da sua miséria, e da minha: o meu intento é retirar-me da patria, aonde a minha pobreza me causa vergonha: em longes terras serei pobre sem pejo; porque ali não serei conhecido: muitos infelizes tem vindo adormecer com sono eterno no seio de terreno estrangeiro; e para elles tem sido uma especie de doçura o viverem, sem ser desprezados; e findarem sua vida, sem ser lamentados. Um unico motivo ha que ainda me detêm, e é elle, o não querer dar occasião ao triumpho dos meus inimigos; pois dirão vendo me partir: *Aquelle miseravel, que nunca no seu paiz viu o sorriso ao prazer, eil-o lá vai desterrar-se da sua patria.* — Se eu pudesse fazer-me superior a estas expressões, e partir; bem conheço que não deixo de ter alguns talentos, e luzes, de que poderia tirar proveito em paiz estrangeiro: Eu escrevo sofrivelmente, sei Arithmetica; e se vós quizesseis recomendar-me ao vosso amigo, governador do Ghulistan, [34] e elle se resolvesse a empregar-me em algum dos Officios do rei, acho que a Fortuna se cançaria de perseguir-me, e que viria talvez a subir ás dignidades.

“ Meu amigo, [lhe disse eu] toma conta em ti: adverte que ha duas castas de empregos no palacio dos reis, a saber, os que subministrão o necessario, e os que dão autoridade: nos primeiros vive o homem tranquillo, nos outros porem anda rodeado de perigos; cumpre que te resolves ou a contentar-te com o pouco, ou a recear muito. „

O meu amigo me respondeo: — Que nas circumstancias, em que se achava, não queria fazer taes reflexões: que a esperança era a sua unica consolação, e que a ella queria entregar-se: que, emquanto ao mais, a sua probidade faria sempre a sua segurança.

— Ai! [lhe tornei eu] vós trazeis-me á memoria a historia de certa rapôza, que tinha mais prudencia, do que vós tendes. Alguem que a vio correr um dia com a quanta força tinha, e fugir para o seu covil, lhe perguntou: — Que motivo tens para fugir com tanta precipitação? Acaso commeteste algum delicto, do qual receias o castigo? — Nenhum, Deus louvado! [lhe disse a rapoza] a minha consciencia de nada me accusa; mas acabo do ouvir aos Officiaes d'elRei que havião mister um dromedario [35]: — Ah! que similitude tens tu com um dromedario? — Meu Deus! [lhe tornou a rapoza] as pessoas de talento sempre tem inimigos: se houver quem se lembre de mostrar-me aos Officiaes d'elRei, e lhes disser, eis ali tendes um dromedario, eu serei apanhada, e prêza, sem que ninguem se dê ao trabalho de me examinar. — Meu amigo, eu vos applico agora o conto; conheço, é verdade, a vossa inteireza; porem os homens falsos vos esconderão os laços, que armarão debaixo de vossos pés; o máo fará ouvir a sua voz enganadora, o principe se previnirá contra vós, e quem encontrareis que tome a vossa defesa? Sêde moderado: o mar é o caminho das riquezas; mas, se prezaes a segurança, deixai-vos ficar na praia. Como vosso amigo que sou, eu vos devo os meus conselhos, porem tambem vos devo os meus serviços; por isso vou dar-vos uma carta para o Governador de Ghulistan. ,,

O meu amigo partio no dia seguinte com a minha carta. O Governador conferic-lhe logo um pequeno emprego: Porque dêo mostras de juizo, de destreza, e de polidêz, não tardou muito que não fosse adeantado: dêo igual satisfação nos pontos mais elevados, e foi mandado para a Côrte. O rei começou a estimal-o, e a ter lhe affeição; fel o seu valido, e já todos o apontavão com o dedo: — Eis ali vai [glorificação] o amigo do Soberano.

Elle não se descuidou de dar-me parte das suas fortunas, e eu me regosijava com isso: “Seja Deus louvado; (dizia eu) agora vejo que ninguem deve jamais dar de mão á felicidade; as fontes do bem, e do mal estão escondidas, e nós ignoramos qual del-

las é que se deve abrir, para regar os espaços da vida. ,,

Passados pouco tempo fui fazer a peregrinação de Mécca: quando porém vinha já de volta, topei-me em um valle agreste com um homem vestido de camponez, que sahia de uma cabana, e que se encaminhava para mim, rindo, e cantando: e encontrou-se comigo em um caminho coberto de grandes arvores, e me disse: — Os cortezãos, que vós me havies pintado, declararão se meus inimigos, desde o dia em que o rei me chamou para ao pé de si: accusárão-me de conspirações contra o estado, e de perigosas innovações; o rei desprezou tomar conhecimento da verdade; os meus amigos, aquelles mesmos que me devião obrigações, deixárão se ficar em silencio, e até houve alguns que se unirão aos meus accusadores. Lançárão-me em uma horrorosa prizão, aonde estive gemendo por longo tempo: sahi della, e fui mandado para o desterro, depois de me haverem privado dos meus bens. Eis me tornaes a ver pobre, mas contente: já conheço os homens, e a Fortuna: Tenho uma cabana; e o pequeno campo, que cultivo, é sufficiente para satisfazer as minhas necessidades, e as da minha familia.

---

## FABULA XLII.

### *A Oração.*

Um Mollack, posto no meio de uma mesquita, beijava frequentes vezes a terra, e exclamava de tempos em tempos em alta voz: Grande Deus! não te lembrarás do teu servo, que nunca de ti se ha esquecido?

Um lavrador, escondido a um canto do templo, dizia em tom de meia voz: “ Grande Deus! perdoai-me as minhas faltas; e em recompensa do pouco bem que tenho podido fazer, dai-me forças para praticar o bem. ,,

---

## FABULA XLIII.

*O Santão, (36)*

Que é um Santão? É um homem, que obedece as regras oppostas ao instincto da Natureza: que dá de mão aos prazeres, ao trabalho, aos cuidados, ás riquezas: que tem a pobreza, e paciencia. Oh! Saadi, será este por ventura o homem virtuoso? Todavia perdôa a este homem inutil; enche o teu coração de delicioso sentimento da benevolencia; estende a tua bondade sobre o homem enganado, e ainda sobre o homem enganador; perdôa ao injusto, e ao insensato: acaso lhe não deves tu o exercicio de alguma virtude?

Um dia o filho de Nourshivan vio um sabio, que estava com os olhos, e braços erguidos para o Ceo, com a face voltada para o Oriente, e que fazia a Deus a seguinte oração: " Oh! Grande Deus, tende compaixão dos máos; pois vós tudo tendes feito para os bons, desde o momento em que os haveis feito bons. „

## FABULA XLIV.

*O Valido.*

Em quanto a cruel mão da pobreza fez sobre mim sentir o seu pezo, desvlei-me por não me aviltar, patenteando aos homens a necessidade que tinha da sua compaixão. Nunca fiz por despertar no coração dos grandes o sentimento da benevolencia, que a pobreza me inspirava: nesse tempo nunca lhes eu falava de outra coisa, senão da ordem, e da justiça. Mas desde que o Soberano Senhor dos Senhores fez descer as suas graças sobre o seu servo, e o livrou dos horrores da necessidade, já elle se atreve a falar aos grandes ácerca da bondade.

Onar, o valido do principe, tinha-me levado consigo para uma das suas casas de campo, situada á beira do Euphrates, [37] e ali eu recebia amiuda-

das vezes as préces dos infelizes, afim de apresental-as aos pés de Onar. Este sim me escutava, porem nunca condescendia com as minhas supplicas : — Um (dizia elle) não merece os favores do principe, por se achar accusado de certo defeito : outro, por haver sobre elle recalhido a suspeita de certa falta : aquelle era ainda muito môço, este já tinha annos de mais. E já vedes, [a crecentava Onar, quando assim recusava annuir ao que lhe eu pedia] que obrando desta sorte, nada mais faço, do que mostrar-me fiel aos principios de justiça, que outr'ora me communicastes. — Eu porem lhe respondi : “ Poderoso Onar, mostrame tu que não és duro, e eu me mostrarei satisfeito da tua justiça. ”

---

## FABULA XLV.

### *A Inveja.*

Eu tinha visto no palacio de Uglumish o filho de um governador de provincia, o qual em idade ainda tenra tinha viveza, prudencia, e juizo : deixava-se ver já na sua fisionomia um certo caracter de força, e de grandeza. O rei, que era ainda muito môço contrahio amizade com elle ; e os mancêbos da Côrte começaram á ter-lhe aversão : armarão-lhe laços, trabalharão pelo perder, ou por mandal-o matar ; com isto porem nem sequer fizeram retardar o seu adeantamento. — Dizia-lhe o principe um dia : “ Qual será a causa do odio, que tu inspiras aos meus cortezãos ? elle é violento : não te será possível fazel-o cessar ? ” — Oh ! rei, [lhe respondeo o valído] o uso, que tenho feito da vossa autoridade, redundia em felicidade dos vossos subditos, e em gloria vossa ; mas á proporção que eu hia conciliando o coração do povo, e o vosso coração hia fazendo remover de mim os meus antigos amigos. Não conheço senão um meio unico de tornar a attrahil-os a mim ; reduz-se elle a desempenhar os meus deveres com menos exactidão, e a perder o vosso agrado. — “ Continua, e nada temas ; [lhe disse o rei] pois o Sol não deve deixar

de esclarecêr, só porque a sua luz offende os olhos das aves nocturnas. „

—◆—

FABULA XLVI.

*A Visita.*

Quando eu entreguei ás mãos dos fieis a *Entrada do Jardim das Flores*, [\*] soube que a magnifica Cidade de Schiras abençoava o meu nome; e que as formosas donzellas cantavão os meus vêrsos nos palacios do rei dos reis: os sabios da Persia, que me encontravão debaixo dos pórticos da Academia, dizião-me: “ Oh! Saadi, as tuas obras instruem o ignorante, e encantão o sabio: gloria seja dada a Deus, e ao seu Profeta, que tem inspirado as obras de Saadi! „ Eu escutava estas expressões com o prazer, que sente uma joven donzella, quando ouve louvar a sua formosura pela boca do mancebo, que é a escôlha do seu coração: eu me embriagava com os perfumes da minha reputação.

Vivia a esse tempo o sabio Nessir no paiz de Samarcand: [38] as suas maximas austeras erão celebradas por todo o Oriente, mais que tudo entre os povos livres e justos que habitão sobre as praias dos mares de Kussum, [39] e nos montes de Hircania. [40] Depois de Zerdust; nenhum sabio adquirira tamanha reputação, como Nessir; pois até era preferido ao grande Bursuchumbur. Constou-me que elle tinha elogiado o meu Livro; e empreendi a jornada de Samarcand, com o fim de ir gozar de mais perto da sua estima.

Encontrei a este sabio viverão no retiro do campo: a sua casa estava situada sobre uma colina, donde se descobrião os mares de Kussum, a rica planice que é lavada pelas ondas destes mares, as montanhas opulentas que terminão esta planice, as fer-

---

[\*] Nome de uma das Obras de Saadi, Vid. Noticia Preliminar.

teís margens do Volga, [41] a magestosa corrente deste grande rio, e as innumeraveis illias que elle em seu seio encerra.

Fui recebido de Nessir com maior bondade, do que consideração; e notei que nunca me falava no *Jardim das Flores*. Passeando com elle um dia, apercebi-me a mão, e lhe disse: — Que juizo formaes do *Jardim das Flores*? — Nessir lançou-me uma vista severa, os seus olhos se animarão, arredou-se de mim dois ou tres passos, e me disse: “ Oh! discípulo de um Profeta, que sagrou a tyrania, e que fez da escravidão um dever, [42] em teus versos tu falas com os reis, e com os grandes; qual é a virtude, que pretendes inspirar-lhes? É a da beneficencia? Desgraçadas porem das Nações, que obedecem a reis, e a vizires, cuja beneficencia é objecto de louvor Sobre quem observas tu que recahem os beneficios dos reis? Sobre a multidão corrompida, que rodêa, solícita, e corrompe o príncipe. Sobre quem recahem os beneficios dos grandes? Sobre os viz instrumentos dos seus prazeres, sobre os adúladores do seu orgulho, sobre os cúmplices da sua baixeza. A beneficencia das Côrtes enriquece os miseraveis com o despojo do homem virtuoso: ella poderá soccorrer alguns desgraçados, porem sempre os multiplica. Responde-me, qual é a fonte desses thesoiros, de que os grandes podem dispor? São as suas rapinas, e os donativos dos reis. Qual é a fonte dos thesoiros dos reis? É o campo do pobre.

Oh! Saadi, repara no espirito, que as Nações dá a magnificencia, a beneficencia dos reis, e dos grandes; é o espirito da priguica, e da escravidão. O homem, manchado com os seus beneficios, perde o sentimento da sua dignidade: o povo estende as mãos ociosas, e supplicantes para os rapinadores, que o tem despojado; debaixo das garras do abutre geme como o cordeiro, murmura como a pomba: o opprimido o que deve fazer ouvir é o grito da aguia, e o rugido do leão.

Oh! Saadi, a justiça, sim a justiça é que cumpre inspirar a todos os homens: ella depura, ella eleva os corações dos povos, e dos reis: ella lhes traz incessantemente à lembrança os seus reciprocos

deveres : ella alimenta nos povos o amor da Liberdade , e das Leis : que digo ! Ella inspira até a beneficencia , porem a beneficencia util , moderada , e não apparatusa . Todas as virtudes são fundadas na justiça ; esta é a unica virtude , cujo excesso nunca é para se reccar. ,,

Nessir , ditas estas palavras , ficou em silencio . Eu abaixava os olhos , e sentia que elles se me enchão de lagrimas . Nessir encarou comigo , e me disse suspirando : “ Oh ! Saadi , o que te causa afflicção são as minhas palavras , ou é antes o estado da Persia ? A sêde do oiro , o luxo , a molleza , o amor do fastio , e dos vãos prazeres terão elles fechado os corações dos grandes de Schiras ao sentimento da justiça ? O habito da escravidão , o abatimento da miseria terão feito perder a teus povos o sentimento dos seus direitos ? Serão os grandes incapazes de se recordar dos seus deveres , e dos direitos dos povos ? Não será já possivel excitar nos seus corações outro sentimento , que não seja o da compaixão , o qual tem imperio ate mesmo sobre o injusto ? Oh ! Saadi , se a Persia é chegada a este grão de corrupção , eu cesso já de fazer te exprobrações ; e antes me conderei de ti , e do teu paiz. ,,

Poucos dias depois desta nossa conversação voltei para Schiras : passados alguns tempos deixei esta Cidade opolenta , e poupei meus olhos ao espectaculo de nossos costumes . No campo para onde me retirei , frequentes vezes me recordo , bem o meu pezar , das expressões de Nessir , e as lagrimas correm de meus olhos .

## FABULA XLVII.

### *O Perigo.*

O Anjo , que marca os passos do Sabio , me havia reconduzido da casa de Abunecker [\*] para Schi-

---

[\*] *Vid. Fabula XXXV.*

ras; e ali minha alma se nutria com a lembrança dos prazeres, de que eu tinha gozado na deliciosa Cachemira.

Uma tarde, ao entrar em minha casa, achei-me de repente nos braços de um homem, o qual banhava o meu rosto com as suas lagrimas: este homem era Zaleiman.

“ A tyrania [me disse elle] separou-me do Sabio Abonecker, e venho para aqui, afin de o amar na companhia do homem, que goza das preferencias do seu coração. — Oh! Saadi, [continuou Zaleiman] tu uão ignoras que todo o objecto dos meus desvelos foi remover as fontes envenenadas que se misturão com as puras agoas de que o ser dos seres quer que os homens se saciem. — Ataquei os erros, que infestavão os costumes de Cachemira. — Dava-se lá o nome de virtude ao que não é virtude; e daqui resultou que os homens deixarão de conhecer a paz, e a felicidade. — Havião lá collocado na classe dos deveres acções innuteis, ou viciosas; e os homens passarão a desconhecer os seus verdadeiros deveres. — Oh! Saadi, tu bem sabes, quando eu ataquei os erros; comecei a ser bemquisto dos grandes, das mulheres, dos magistrados, dos negociantes, dos cobradores dos dinheiros do principe: todos estes mostravão-se como extasiados, por se verem livres dos falsos deveres; e houverão muitos que se julgarão libertos dos seus verdadeiros deveres: sobre tudo as mulheres andavão contentissimas, por assentarem que ficavão desobrigadas de ser castas, e dóceis. — Mas quando eu quiz ensinar aos povos de Cachemira as leis, que a Natureza lhes impunha, elles acharão estas leis extremamente severas: quando quiz convencel-os de que os seus prazeres vãos, e as suas injustiças erão para elles fontes de amargõra; não quizerão mais escutar-me. Contra mim se levantou um grito universal, quando quiz persuadir-lhes que erão obrigados, para viverem felizes, a ser moderados, laboriosos, bemfazejos, e justos.

Oh! Saadi, que tempo não gasta a luz a introduzir-se no meio dos homens! A marcha do tempo é rapida; mas parece que este caminha de rastos, quando leva apoz de si a verdade! Quão perigoso é

o pretender conduzir á virtude um povo ligado a seus vícios, e costumado a suas miserias!! ..... ”

## FABULA XLVIII.

### *A Esperança.*

O Profeta seja com o célebre Aisher. Eis as palavras, que me disse Aisher nos dias de sua velhice. — “ O Ceo abençoou a carreira de meus annos : se o meu paiz passou a ser assenhoreado pelos filhos de Omar, e se eu deixei de ter uma patria : retirado para a Persia, tratei de ser ntil aos homens ; inspirando-lhes verdades, e sentimentos, que em toda e qualquer parte concorrem para a felicidade : o rei dos reis encheo-me das suas graças : minha esposa, e meus filhos gozarão das minhas riquezas, e do meu coração. O tempo, que tem curvado os meus rins, e enrugado o meu semblante, não me tirou nunca a doce recordação da minha vida passada. Comecei porein a sentir, que hia perdendo a esperança. A perda da esperança é o tormento da velhice.

Nos contornos de Schiras voltavão com a primavera os perfumes, as côres, e a harmonia. Sahi neste tempo para o campo ; e as deliciosas sensações, que me causavão todas as bellezas, e todas as mudanças da Natureza, fazião remoçar o meu coração. — Dirigia frequentes vezes os meus passos para um casal, situado nas praias de um pequeno lago, coroadado de bosques, e de oiteiros : causava-me extremado deleite esta paizagem, e comprei o casal. — Entrei logo a occupar-me com as producções destes campos, e destes jardins, que havião regosijado a minha vista : aqui fiz plantar arvores, que dentro de pouco tempo devião dar-me fructos saborosos : acolá fiz semear grãos, que podião produzir-me cem vezes a semente por minha confiada á terra. Vi na falda deste oiteiro florescer uma vinha, que me prometia vinhos dignos da boca do rei dos reis : no terreno, que ficava mais proximo da casa, crescião legumes para a minha mesa, e a estes devião succeder outros legu-

mez. — O Deus do Ceo não acrescentava um dia á carreira de meus dias, não fazia succeder uma Estação a outra Estação, sem dar-me a gozar alguns bens, e sem prometer-me outros de novo.

Tornei a encontrar a esperança, sim eu tornei a achar esta origem dos pensamentos, esta alma da vida, este encanto de todas as idades: junto aos troncos das minhas arvores, em minhas ruas eu a encontro de novo todos os dias: os fructos colhidos por minhas mãos dizem-me, que ella me não tem illudido: as flores, que ella me apresenta, igualmente me não illudirão.

Vivei, oh! Mocidade, no seio das opulentas cidades; ellas são a morada da instrucção, e dos prazeres: gozai lá das delicias da vossa idade: instrui-vos com os homens na arte de os chegar a servir um dia.

Vós, que haveis a idade madura, habitai nos acampamentos, e nas Côrtes; enchei os tribunaes; voai sobre os mares; servi, ou protegei a sociedade, que vos faz gozar dos seus bens.

Porem, vós, cuja carreira começou já a afrouxar, e que vos ides aproximando ao termo della, oh! Velhos, habitai nos campos: nelles em um repouso, interrompido por doces occupações, vós gozareis do passado, apoderar-vos-heis do presente, e as illusões da esperança vos divertirão ainda naquelle dia em que o tempo abrir para vós as portas do tumulo. „

## FABULA XLIX.

### *A Viagem a Mécca.*

Eu fazia a viagem de Mécca em companhia de grande numero de môços amaveis: causava me admiração a sua alegria, a sua sensibilidade, a sua tendencia para o prazer, e para a virtude: encantava me este seu character; e esta sociedade avivava em mim agradaveis sentimentos, e os pensamentos da minha mocidade. Erão objecto de suas cantigas já as suas

amadas, já os encantos da amizade, algumas vozes os da beneficencia, e o Auctor da Natureza: sentião-se cheios dos seus beneficios, e erão ditosos com reconhecimento.

Aggregou-se a nós um Santão da montanha de Pétra, [43] o qual começou logo por ver se podia meter-nos á cara algum elogio do jejum, da continencia, das macerações; e alguma sátira contra a natureza humana, e contra os prazeres. Os gritos de alegria inspiravão-lhe indignação: causava-lhe espanto a benevolencia, que lhe mostravamos: a unica demonstração de interesse, que nos dêo, foi pedir ao Ente-Supremo em altas vozes, que nos tirasse promptamente do nosso estado de vivo contentamento.

Um dia, em que hiamos chegando ao pequeno logar, aonde mora a familia de Jakias, filho d'Helal, vimos vir correndo para nós meninos, e meninas, os quaes cantando, e dançando vinhão trazer-nos fructas, lacticinios, e pão: via-se-lhes o prazer pintado nos olhos, e a sua alegria aumentava a nossa.

Achavamo-nos na Estação, em que o Sol entra no signo de *Aries*: [44] as folhas das rozas tinhão começado a dividir os vêrdes filetes, que as envolvião: e os ramos das romeiras cobertas de flores brilhavão como o fogo: o Sol hia a entrar no Occaso, e já os seus raios se achavão interceptados pelas montanhas do Occidente. Vimos os rebanhos, que voltavão pulando para os seus apriscos; jovens pastores os conduzião, dos quaes uns tocavão gaitas de fóle, outros cantavão: as aves do campo não tinhão ainda cessado seus cantos, e o rouxinol havia já começado os seus.

Lancei os olhos sobre o bravo Santão: vi que tinha o semblante carregado no meio desta alegria universal: estava arraucando algumas raizes insipidas, e dispunha-se a passar a noite sobre a areia. Então eu lhe disse: "Desgraçado inimigo do homem, e de ti mesmo, acaso és surdo á voz do prazer, que retumba por toda a Natureza? Podes ouvir sem commoção os cantos destes jovens contentes; a cotovia, que desce dos ares repetia-lo seus alegres gorgeios; e o rouxinol, que já começou a sua voluptuosa, e eterna cantiga? Não sentes dizer-te o seu canto, que

elles são venturosos? Não vês os léves pulos dos carneiros, e os movimentos destes camêlos, que se mostram alegres até debaixo da carga, que os opprime? De que especie pois és tu, se não tomas parte no sentimento de quanto respira? Põe os olhos nestas nuvens uteis, vê o zéphiro agitando seus ramos floridos; e adverte que elle não imprime movimento algum no rochedo, ao qual se assemelha o teu coração árido, e duro. Ah! se tu não amas o prazer, que motivo tens então para praticar o bem? Lança os olhos em volta de ti, vê estes férteis campos, estes Céos, estes mares. Que outra coisa é o Mundo, senão a Obra de um Deus bom? Que homenagens exige de ti a sua bondade? O teu prazer é uma acção de graças. Que deveres te impõe a sua bondade? O prazer dos outros. Góza; eis ahí tens a sabedoria. Faze gozar; eis ahí tens a virtude. „

Oh! Meus irmãos, escolhidos de Mahomet, discipulos fieis: discipulos de Ali, de Brama, ou de Zerdust, [45] escutai as palavras de Saadi, escutai-as com os cuidados d'alma. — Quando Deus mandou ao Sol, que derramasse a luz do dia pela immensidade dos Ceos, e que entornasse a fecundidade por cima do Globo da Terra, elle espallhou os homens, e suas companheiras pelo Norte, pelo Meio-dia, pelo Oriente, e pelo Occidente, e lhes disse: “Gozai dos elementos, e das delicias da alma: vós encontrareis irmãos por toda a parte a que encaminhardes vossos passos; sêde uteis uns aos outros; e a terra florecerá debaixo de vossas mãos; e os leões, as panthéras, e os tigres respeitaráõ a vossa união. „

O homem esquecco-se das palavras do Altissimo, o irmão quiz ter imperio sobre o irmão; e se converterão em inimigos: as armas do injusto forão empregadas contra o innocente, e o submeterão: o injusto dêo leis, e seus dóceis escravos lhe adquirirão novos escravos.

Deus dignou se de sahir ainda uma vez do meio da nuvem luminosa, collocada por elle em volta de seu trôno; desceo entre a Terra, e as Esphas, o trovão da sua voz se fez escutar, e disse aos homens: “Eis-vos já reñnidos em grandes Povos: oh! Povos, sêde uteis uns aos outros: fazei que as pro-

ducções do Meio-dia passem para o Norte, que as luzes do Oriente esclareçam o Occidente: vivei unidos; tal é o vosso interesse, e o de vossos Cabeças. ,,

O homem poz ainda em esquecimento as palavras do Altissimo: espiritos perversos semearão a desconfiança de uma extremidade do Mundo á outra, e o receio armou Nações contra Nações: immediatamente os Povos não entrarão a ver senão inimigos em seus superiores; e os superiores virão sómente nos Povos animaes indoceis, e perigosos.

Reis, Califas, Sultões, Principes da Terra, fechai as orelhas aos discursos de vossos adulaadores: escutai a Natureza; ella vos clama, que todos somos membros de um mesmo corpo. Oh! Arbitros dos homens, entrai em vós, lêde em vossos corações, e nelles encontrareis as palavras do Altissimo; ellas se achão ahi gravadas: — Perdoai ao fraco, prestai alivios ao pobre, honrai o homem util, recompensai o homem laborioso, consultai o sabio, removei de vós o insensato, fazei justiça a todos; e não tereis inimigos.

Oh! Arbitros dos homens, receai as queixas dos desgraçados; ellas correm a Terra, atravessão os mares, penetrão até aos Ceos, e chegão a mudar a face dos Imperios. Basta um suspiro do innocente opprimido, para pôr em revolução o mundo.

FIM.



## NOTAS.

[1] *Omar, e Ali*, serão os successores de Mahomet, que adquirirão maior nomeada entre os Cabeças da Religião, e do Imperio, fundados por este famoso impostor; e são ainda hoje os que dão seus nomes ás duas mais celebres divisões da religião Mahometana, a saber, a dos *Omaristas, Osmanlinos*, ou *Sunnitas*; e a dos *A'lides*, ou *Schiitos*, desta ultima são sectarios os Mahometanos habitadores da Persia em geral; e da primeira os outros Mahometanos da Asia, assim como os da Africa, e da Europa.

[2] *Adoradores do fogo, Idólatras, e Servos fieis*, os primeiros são os sectarios da antiga religião dos Persas, que adoravão o fogo, como emblema o mais puro da sua Divindade, e dos quaes existem ainda hoje alguns individuos, e talvez familias, tanto na Persia, como na India, designados pelo nome de *Guébres*. Os Mahometanos dão o titulo de *Idolatrias* aos sectarios de todas as outras religiões, que não são a sua, e a dos *Guébres*, condecorando-se exclusivamente com o epitheto de *Fies*.

[3] *Viagem de Mécca*, Mécca Cidade de Arabia, situada a um dia de jornada da costa occidental da península Arabica, famosa nos annacs da religião Mahometana por ter sido patria de Mahomet, e o principal logar de sua residencia. Entre os preceitos da religião Mahometana é bem sabido aquelle que obriga todos seus sectarios a fazer pessoalmente uma vez sequer na vida a romaria ao Templo de Mécca; ou em caso de impossibilidade, a mandar outrem em seu nome.

[4] *Schiras*, grande, e célebre Cidade da Persia, reputada pela segunda de todo este vasto paiz, e situada sobre um terreno admiravel por sua fertilidade.

[5] *Ambar*, substancia resinosa, inflamavel, e aromatica, arrojada pelo mar a algumas de suas costas. O grande Camões, falando do *Ambar*, diz assim:

De fumos enche a casa a rica massa,  
Que no mar nasce, e á Arabia em cheiro passa.  
(*Lusiad. Cant. VI. Est. 25.*)

.... na costa da Africa arenosa ,  
 Onde sahe do cheiro mais perfeito  
 A massa ao mundo occulta , e precioza.

(*Ibid. Cant. X. Est. 137.*)

[6] *Chorazan*, ou *Korazan*, grande provincia da Persia septentrional, que nas differentes successões do tempo formou algumas vezes um Estado á parte: o seu territorio é geralmente árido, e arenoso; mas não deixa de subministrar o necessario para a vida. Os mais bellos tapêtes da Persia são fabricados neste paiz.

[7] *Persépolis*, Cidade na antiga Persia, e sua Capital no tempo de Dario, ultimo monarcha daquelle Imperio: foi mandada queimar por Alexandre Magno, e della existem ainda hoje magnificas ruinas.

[8] *Cósroes*, celebre Imperador da Persia, cujos exercitos forão constantemente derrotados pelos de Heráclio, Imperador do Oriente.

[9] e [10] *Cadi*, e *Iman*, entre os Mahometanos o primeiro equivalle a juiz territorial para os negocios civeis: e o segundo é o mesmo que Sacerdote.

[11] *Balchs*, ou *Balek*, Cidade importante da Tartaria-Independente na Grande Bukária, paiz situado ao norte da Persia.

[12] *Bagdad*, grande Cidade da Turquia-Asiatica, edificada sobre a margem oriental do rio Tigre não longe das ruinas da antiga Babilonia: foi Cidade importantissima, em quanto servio de Côrte ao Imperio dos Califas; e theatro de grande numero de engenhosas, e lindas ficções orientaes.

[13] *Alép*, Cidade das mais importantes de toda a Turquia-Asitica por sua população, e commercio, situada na Syria a duas jornadas do Mediterraneo.

[14] *Aaron-Raschild*, Califa dos Musulmanos contemporaneo de Carlos-Magno, e o unico monarcha do seu tempo digno de lhe ser comparado: era tão justo, como habil. Por sua beneficencia foi objecto das benções dos pobres, e por seu amor ás letras o assumpto dos cantos dos poetas. Reinou 47 annos; e apesar do seu ardente zelo pelo Mahometismo, a sua generosidade protegeo sempre os Christãos

[15] *Derviches*, especie de frades Mahometanos.

[16] *Califa*, titulo, que tomarão os successores de Mahomet em quanto reunirão em suas pessoas os poderes temporal, e espirital.

[17] *Bactriana*, territorio situado ao nordeste da Persia, e ao nascente do Chorazan.

[18] *Medina*, Cidade da Arabia situada 32 legoas ao noroeste de Mécca, célebre por ser o lugar da sepultura de Mahomet, e por isso frequentada pelos peregrinos na volta de sua romaria a esta ultima Cidade.

[19] *Mollaks*, intérpretes das leis, e doutores em Theologia entre os Mahometanos.

[20] *Damasco*, Cidade da Turquia Asiatica na Syria, situada acima de 30 legoas ao norte de Jeruzalém: é povoação de grande commercio, e uma das mais antigas do Globo.

[21] *O Profeta*, é Mahomet, o qual entre os sectarios da sua religião assim é designado por excellencia.

[22] *Locman*, célebre filosofo da Ethiopia, ou da Nubia, ao qual anda attribuido um livro de fabelas, e de sentenças, cheio de bellos pensamentos, e conceitos.

[23] *Libano*, famosa cordilheira de montanhas da Syria, que corre do norte a sul ao longo das praias do Mediterraneo na distancia de cinco e seis legoas.

[24] *Hasápha*, e *Sineba*, nomes das duas mulheres mais estimadas de Mahomet.

[25] *Parasanga*, medida itineraria da Persia, que equivalle a pouco menos de uma legoa Portugueza.

[26] *Circássia*, territorio situado entre o Mar-negro, e o Caspio, e ao longo da encosta septentrional da cordilheira do Caucaso; famigerado, entre outras coisas, pela extraordinaria belleza de suas mulheres.

[27] *De uma só Lua*, entende-se uma só revolução da Lua, ou um só mez lunar; porque os Mahometanos s'rvem-se, para medidas do tempo, de mezes, e annos lunares, e não solares.

[28] *Soberano Senhor dos Senhores*, titulo de bai-

xíssima adulação, que se dava antigamente aos monarchas da Persia.

[29] *Cachemira*, delicioso paiz da Asia, situado entre a India, e a Persia Oriental, da qual actualmente depende: é formado por um valle de figura oval, rodeado de altas montanhas, que o abrigão das aluviões na estação das chuvas, dos ardentes calores do Estio, e dos ventos frigidissimos do Thibét; e por isso é denominado o paraizo da India, e de todo o Oriente. Os seus industriosos habitantes empregão-se particularmente em fabricar os excellentes cha-les, tão conhecidos na Europa debaixo da denominação de chaes da India, para a manufacturação dos quaes possuem as melhores materias primeiras, que fazem laborar em deseseis mil fábricas, e que já em outro tempo chegarão a quarenta mil. (Vid. Malt-Brum, *Precis de la Geographie Universelle*, Tom. IV. pag. 42.)

[30] *Imauz*, grande cordilheira de montanhas da Asia central, que correndo de norte a sul, separa a Persia, e Tartaria Independente, da India, e do Imperio Chinez, e conhecida actualmente pela denominação de *Muz-Tagh*.

[31] *Talismans*, *Amulêtos*, e *passagens do Corão*, a primeira, e segunda destas expressões designão em geral toda e qualquer figura, ou medalha &c. feita debaixo do apparecimento de um certo astro, ou constellação, á qual figura se attribuem certas virtudes procedidas de uma influencia subita, maravilhosa, e extraordinaria. Igual virtude, e influencia attribuem os Mohometanos a differentes passagens do seu Livro religioso chamado *Al Corão*; e por isso as escrevem, e trazem sobre si, na persuazão de que, em quanto as trouxerem consigo, serão perservados de determinados perigos, enfermidades &c.

[32] *Sobre lavatorios*, é coisa geralmente sabida, que a religião Mahometana impõe aos seus sectarios a obrigação de muitas e differentes lavagens em varias horas do dia, e em determinadas circumstancias da vida, até prescrevendo-lhes miudamente a maneira de fazerem estas abluções.

[33] *Edessa*, antiga Cidade da Mesopotamia, ou do paiz situado entre os rios Tigre, e Euphrates, a

qual foi cabeça de um principado ; hoje porem dentro dos limites da Turquia-Asiatica.

[34] *Ghulistan*, nome de uma provincia da antiga Persia.

[35] *Dromedario*, especie de camêlo de uma só corcôva, muito veloz ; e que por isso é empregado exclusivamente para correr, e não para carregar.

[36] *Santão*, Sacerdote Turco de uma das classes mais elevadas, distincto por sua notavel austeridade de vida ; e consequentemente de grande influencia sobre os sectarios da religião Mahometana.

[37] *Euphrates*, célebre rio da Turquia Asiatica, que corre de norte a sul, até se encontrar com o Tigre, e que depois de reunidos vão entrar no Golfo Persico.

[38] *Samarcand*, famigerada Cidade de Tartaria Independente na Grande Bukharia : foi capital do Imperio do bem conhecido conquistador Tamerlan, e por esta razão chegou a ser muito populosa, e rica ; hoje porem existe grandemente decahida do seu esplendor antigo.

[39] *Russum*, nome porque os Persas designão o grande Lago da Azia, conhecido vulgarmente pelo de Mar-Caspio.

[40] *Hyrkania*, provincia da antiga Persia, situada ao longo das praias ao sueste do Mar-Caspio.

[41] *Vólga*, grande rio, e o maior da Europa, que corre atravez dos territorios da Russia, e vai desagoar ao suéste por muitas fozes do Mar-Caspio.

[42] *De um Profeta, que sagrou a tyrania, e que fez da escravidão um dever*, fala de Mahomet, em cujo Codigo religioso, e politico, (o Corão) se acha estabelecido, e legalizado o governo despotico, de tal sorte identificado com os principios da crença Mahometana, que o mesmo é dizer Soberano Mahometano, que despota ; subdito Mahometano, que escravo.

[43] *Pétra*, antiga Cidade da Arabia-Pétrêa : é nesta parte da Arabia que estão situadas as célebres montanhas do Sinai, e do Horéb, santificadas com as aparições de Deus á Moyses.

[44] *Signo de A'ries*, é uma das constellações da Eclythica, que marcão a successão da apparente

carreira annual do Sol em volta da terra, o cujo principio coincide com o dia 20, ou 21 de Março, isto é, com o comêço da primavera no Hemispherio septentrional.

[45] *Discipulos de Ali, de Brama, de Zerdust.* Neste § o Autor, depois de dirigir-se aos Mahometanos Omaristas, ou Osmanlinos; fala igualmente com os Mahometanos da seita de Ali, (Vid. Nota 1) e bem assim com os povos da India, que professão a religião de Brama; e com os antigos Persas, adoradores do fôgo, a origem de cujo culto religioso é attribuida ás doutrinas do famoso Zoroastro, ou Zerdust.

FIM DAS NOTAS.

# INDICE.

*Das quarenta e nove Fabelas.]*

Prefacio de Saadi.....	pag. 7
I O Homem Verdadeiro.....	10
II Mahmud.....	10
III Maximas.....	11
IV O Sono do Mão.....	14
V O Retiro.....	12
VI O Erro.....	13
VII O Sonho.....	13
VIII O Crime.....	15
IX A Avareza das diferentes idades.....	16
X O Bom Ministro.....	17
XI O Exemplo.....	18
XII O Tormento dos Reis.....	18
XIII A Educação de um Principe.....	19
XIV O Espirito dos diferentes estados.....	20
XV A Inscrição.....	21
XVI A Beneficencia.....	22
XVII Os Mallaks.....	26
XVIII As Luzes.....	26
XIX O Convertido.....	27
XX Os Cortezãos.....	28
XXI A Exactidão.....	28
XXII O Despota.....	29
XXIII Aaron-Raschild.....	29
XXIV Os dois Irmãos.....	29
XXV Os Sabios, e os Derviches.....	30
XXVI A Tolerancia.....	30
XXVII A Economia dos Reis.....	31
XXVIII As Testemunhas.....	31
XXIX A Necessidade de Amar.....	32
XXX O Momento presente.....	35
XXXI Alexandre.....	38
XXXII O Tyrano.....	38
XXXIII O Joven Rei.....	39
XXXIV Hoschas Joseph.....	39
XXXV A Filosofia.....	40
XXXVI O Plátano.....	43
XXXVII O Pobre.....	43
XXXVIII A Innocencia.....	44

XXXIX O Zêlo.....	pag. 45
XL A Vizão.....	45
XLI A Fortuna.....	46
XLII A Oração.....	48
XLIII O Santão.....	49
XLIV O Valido.....	49
XLV A Inveja.....	50
XLVI A Visita.....	51
XLVII O Perigo.....	53
XLVIII A Esperança.....	55
XLIX A Viagem a Mécca.....	56
Notas.....	I













B.
4